

contraponto

ANO 19 Nº 123 Novembro/Dezembro 2019



DE OLHO NA PREFEITURA

Mais uma corrida eleitoral se aproxima. O prêmio para quem cruzar a linha de chegada em primeiro lugar, agora, é a prefeitura. Bruno Covas caiu de paraquedas no Viaduto do Chá, no ano em que João Dória saiu vitorioso. O vice de Dória assumiu a prefeitura, quando o CEO da cidade decidiu apostar no cargo de governador.

Bruno ficou bastante contente com a decisão de seu colega de chapa. Na época disse que se sentia "igual criança que vai a Disney". Mais uma vez, como toda criança, Covas quer retornar ao mundo mágico da Prefeitura de São Paulo. Mas o atual prefeito não está sozinho.

José Luiz Datena é o que tem mais chances de cruzar a linha de chegada em primeiro lugar (22%), segundo pesquisa realizada pela XP/Ipespe. Datena e a prefeitura de São Paulo possuem uma relação aos moldes do mercado de transferências do futebol. Santos e Robinho se assemelham a Datena e Prefeitura.

Todo ano Robinho é cotado para retornar ao clube que suas pedaladas brilharam. Com Datena é a mesma coisa, todo o ano o apresentador do programa mais *family friendly* da televisão brasileira, é cotado para disputar a corrida pela prefeitura. Será que desta vez vai?

Jair Bolsonaro já sinalizou apoio ao apresentador. Joice Hasselmann deve ter ficado com dores no cotovelo, já que seu capitão, em crise partidária, pulou do barco dos PSL. Se bem que nem o PSL está mais apoiando Joice nessa disputa. A mulher mais votada da história da Câmara dos Deputados segue em quinto lugar (7%).

Quem vem com forças atrás de Datena é Celso Russomano (19%). Mais um que podemos comparar a Santos e Robinho. Russomano ficou conhecido no programa Patrulha do Consumidor, da Record TV, onde ajuda pobres e indefesos consumidores a não cair em ladainhas.

Quem ajudará os eleitores a não cair nas ladainhas dos candidatos? As emissoras de televisão poderiam arriscar num programa desses. Nesta corrida não parece haver uma saída alternativa. Covas (10%), Marta Suplicy (11%) e Marcio França (11%) estão praticamente empatados e são nomes conhecidos da política paulista.

Sigamos para a primeira disputa eleitoral após a marcante corrida de 2018, que colocou Jair Bolsonaro na presidência da república. Dizem que a sequência de um filme, quase sempre, não chega aos pés de seu antecessor. Esperamos que esta sequência não chegue mesmo. Se porventura chegar, que seja algo decente e menos nebuloso.

SUMÁRIO

FAKE NEWS TAMBÉM DESMATA A AMAZÔNIA	3
A AGROPECUÁRIA POR TRÁS DAS CORTINAS	4
REUTILIZÁVEL X DESCARTÁVEL	6
KOSI EWE, KOSI ORISA – SE NÃO HÁ FOLHA, NÃO HÁ ORIXÁ	7
QUANDO O CINZA DAS QUEIMADAS FOI DE ENCONTRO AO VERDE DO CAMPO	8
TRONCO, GRÃO, SOJA E MILHO	9
VERDE É O NOVO PRETO	10
BRASIL TEM SUA IMAGEM TRANSFORMADA NO EXTERIOR	11
ENSAIO FOTOGRÁFICO	
TODOS PELA AMAZÔNIA	12
CENSURA INVIAILIZA O SONHO DE VIVER UMA DEMOCRACIA	14
PRISÃO DE DJ RENNAN DA PENHA ESCANCARA PERSEGUIÇÃO HISTÓRICA	
DA MÚSICA NEGRA	15
RELEMBRAR É PRECISO	16
INTERESSE PÚBLICO NO HORÁRIO NOBRE	18
OS MULTIPLUS RETRATOS DE BACURAU	20
POESIA	
O MUNDO TODO AO CONTRÁRIO	21
CRÔNICA	
O EVENTO DA RUA	22
DESABAFO DA CIDADE CINZA	
JORNALISMO EM TEMPO DE CÓLERA	23
CONTRA-ATAQUE	
O LADO VERDE DO FUTEBOL	24

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

DE SÃO PAULO

PUC-SP

Maria Amalia Pie Abib Andery

REITORA

Fernando Antonio de Almeida

VICE-REITOR

Márcio Alves da Fonseca

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Alexandra Fogli Serpa Geraldini

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Marcia Flaire Pedroza

PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO
E GESTÃO

Silas Guerriero

PRÓ-REITOR DE EDUCAÇÃO CONTINUADA

Antonio Carlos Malheiros

PRÓ-REITOR DE CULTURA E RELAÇÕES COMUNITÁRIAS

Mariangela Belfiore Wanderley

CHEFE DE GABINETE

FACULDADE DE FILOSOFIA,
COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES – FAFICLA

Angela Brambillia P. Lessa

DIRETORA

Cristiano Burmester

DIRETOR ADJUNTO

Valdir Mengardo

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Fabio Cypriano

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO

Endereço: Rua Monte Alegre, 984
Perdizes - CEP: 05014-901

EXPEDIENTE

CONTRAPONTO

Comitê LaboratorialCristiano Burmester, Fabio Cypriano,
José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa
e Pollyana Ferrari**Editora Responsável**

Anna Flávia Feldmann

Ombudsman

André Vieira

Editor assistente

Raul Vitor

Editorias

Ambiental: Vitória Martins

Cidades: Sarah Catherine Camara de Seles

Cultura: Julia Cachapuz

Esportes: Henrique Sales Barros

Internacional: Daniel Gateno

Política: Giovanna Colossi

Fotografia

Nádyia Duarte

RevisãoBeatriz Aguiar, Gabriella Lopes,
Giovanna Colossi, Maria Clara Vieira
e Raul Vitor

Foto da Capa: Nádyia Duarte

Manifestação na Av. Paulista

contra políticas ambientais

JM Desenvolvimento Criativo Ltda-ME
Fone: 11 3679.7746CONTRAPONTO é o jornal-laboratório
do curso de Jornalismo da PUC-SP.Rua Monte Alegre 984 – Perdizes –
CEP 05.014-901 – São Paulo – SP
Fone: 11 3670.8205

Número 123 – Novembro/Dezembro de 2019

Lumen Graph
Fone: 11 94708.5762

FAKE NEWS TAMBÉM DESMATA A AMAZÔNIA

Por Letícia Galatro Alves

O termo *fake news* (notícia falsa) é antigo. Segundo o dicionário Merriam-Webster, é usado desde o final do século XIX. Mas a expressão ficou popular em todo o mundo por denominar informações não verdadeiras que são publicadas, principalmente, em redes sociais.

Não é de hoje que mentiras são divulgadas como verdades, mas foi com o advento das redes sociais que esse tipo de publicação popularizou-se. A imprensa internacional começou a usar o termo com mais frequência durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente.

Os motivos para que sejam criadas notícias falsas são diversos. Em alguns casos, os autores criam manchetes absurdas com o intuito de conseguir acessos aos sites e, assim, faturar com a publicidade digital. Em outros casos, são usadas para criar boatos e reforçar um pensamento, uma vez que qualquer tipo de informação falsa induz ao erro. Em vários casos, a notícia que contém uma informação falsa é cercada de outras verdadeiras.

Com a conservação da natureza não é diferente. Muitas matérias sobre o meio ambiente não se baseiam em fatos ou evidências. Ainda existem influenciadores globais que dizem não acreditar nas mudanças climáticas. Esse discurso descompassado do viés sustentável repele qualquer comprovação científica, tratando-a como inverdade. A verificação de fatos não é suficiente quando as pessoas buscam apenas validar seus anseios ou crenças.

"Quando está quente a culpa é sempre do possível aquecimento global e quando está frio fora do normal como é que se chama?" perguntou Carlos Bolsonaro pelo Twitter. Seu irmão, Eduardo Bolsonaro, também usou da mesma rede social para dizer que "vamos proibir essas previsões climáticas para daqui a 100 ou 200 anos. Os xiitas ambientalistas, ecoterroristas e ecochatos fazem isso de propósito porque sabem que daqui a 100 ou 200 anos não estarão aqui, então podem falar qualquer besteira". As mudanças climáticas são rejeitadas pelo governo de Jair Bolsonaro.

Interesses políticos se sobrepõem às questões socioambientais. Por isso a mídia fala superficialmente e raramente sobre esses assuntos. O exemplo mais recente são as constantes queimadas da Amazônia. A mídia só citou sobre isso depois do acontecimento do dia 19 de agosto, quando o céu de São Paulo escureceu em plena tarde. Os grandes jornais como *Folha de São Paulo* e *Estadão* apenas publicaram as fotos dizendo que a escuridão era proveniente das queimadas, sem aprofundar no tema. Esta falta de conhecimento sobre os aspectos e impactos ambientais gera um campo propício às notícias falsas.

Emmanuel Macron contribuiu para a difusão de *fake news*. Pelo twitter, o presidente da França utilizou uma foto tirada pelo fotógrafo

Em meio ao desmonte de políticas ambientais, governo Bolsonaro desmerece fatos científicos comprobatórios das mudanças climáticas



© Reprodução: www.google.com

Foto antiga usada por Emmanuel Macron, presidente da França, para comentar sobre as atuais queimadas da Amazônia

Loren McIntyre, que faleceu em 2003, para falar das atuais queimadas na Amazônia e convocar os membros do G7 para discutir o problema. O presidente brasileiro usou a falsidade da foto para atacar Macron, afirmando que o francês usa questões internas do Brasil para ganho político. "O tom sensacionalista com que se refere à Amazônia (apelando até para fotos falsas) não contribui em nada para a solução do problema", criticou o mandatário brasileiro. Bolsonaro afirmou que a ideia de tratar do tema amazônico entre os membros do G7 "evoca mentalidade colonialista descabida" do século XXI.

Uma reportagem da CNN mostrou que diversas pessoas estão usando fotos de incêndios抗igos para enfatizar a questão atual. A matéria cita exemplos como Jaden Smith, filho do ator Will Smith e o youtuber americano Logan Paul. Leonardo DiCaprio, conhecido por suas postagens em pró ao meio ambiente, postou a mesma foto que Macron.

Jair Bolsonaro também se equivocou em um discurso feito dia 22 de janeiro deste ano. "Somos o país que mais preserva o meio ambiente. Nenhum outro país do mundo tem tantas florestas como nós", disse o presidente. No entanto, dados do Índice de Desempenho Ambiental mostraram que, entre 180 países, o Brasil ocupa a 69ª posição de preservação. Segundo dados do Banco Mundial, o país com a maior área florestal do mundo é a Rússia.

De 1990 até 2015 o Brasil foi o país com maior taxa de desmatamento do mundo. Ainda

assim, as iniciativas e propostas de Jair Bolsonaro em relação ao meio ambiente não ajudam a mudar esse panorama. O novo governo anunciou rever a terra Indígena Raposa Serra do Sol; colocou na presidência da FUNAI um general que trabalhou para uma mineradora em conflito com indígenas; transferiu a identificação, delimitação e demarcação de terras indígenas e quilombolas para o Ministério de Agricultura; e colocou à frente do Ministério do Meio Ambiente, Ricardo Salles, réu acusado de descumprir leis ambientais e manipular mapas de manejo ambiental do rio Tietê, em São Paulo.

Em julho, Bolsonaro deu outro discurso, no qual reafirmou a preservação da Floresta: "A Amazônia é brasileira e quem tem que cuidar dela somos nós. Esses índices de desmatamento são manipulados. Se você somar os porcentuais que já anunciaram até hoje de desmatamento na região, a Amazônia já seria um deserto. No entanto, nós temos muito mais da metade da Amazônia intocada. E os países que nos querem cobrar o comportamento que eles acham correto nunca seguiram esse comportamento. O maior preservador do ambiente do mundo é o Brasil."

Em sentido contrário, os últimos dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) apontam um aumento de 88% no desmatamento da Amazônia comparando, comparando junho de 2019 com junho de 2018. O retrato vem de imagens de satélites, em tempo real.

A AGROPECUÁRIA POR TRÁS DAS CORTINAS

Por Ana Luiza Bessa e Luíse Goulart

A pecuária tem sido uma das principais fontes de renda no Brasil por muito tempo. Esta atividade consiste em um conjunto de práticas que envolvem a criação de animais para fins lucrativos em nome do mercado consumidor. Além disso, a pecuária também integra a agricultura, de modo que ambas se tornaram dependentes uma da outra, conforme a expansão da indústria agropecuária. Exemplo disso é o plantio de soja, destinado não só para consumo humano como também para alimentação de bovinos.

Sendo uma área do setor primário responsável pela produção de bens de consumo, a agropecuária é essencial para o cotidiano em sociedade. Disponibiliza produtos como carnes, legumes e outras substâncias de origem animal e vegetal, tais como ovos, leite, manteiga, cereais, grãos (arroz e feijão, por exemplo), entre outros. Essa atividade também é responsável pela produção de matérias-primas utilizadas na confecção de cosméticos, remédios, combustíveis e demais produtos importantes para a vida moderna.

Em relação ao PIB (Produto Interno Bruto) nacional, a agropecuária brasileira é um dos principais contribuintes (representando 8%), além de ser a primeira atividade econômica desenvolvida no Brasil. Em função disso, a atividade produz emprego para 10% da população, segundo o Censo Agropecuário. Esse levantamento também afirma que a maioria dos agropecuaristas do país usam mão de obra familiar.

De forma geral, o Brasil possui 330 milhões de hectares destinados à agropecuária, grande parte dividida entre os pequenos e médios produtores.

A demanda da indústria gera muita renda para o país, tanto com o consumo interno quanto nas exportações para outros países, sendo que em média um brasileiro consome 90 kg de carne anualmente.

No que diz respeito à renda, a riqueza gerada pela pecuária no Brasil passou de pouco mais de R\$ 48 bilhões no início deste século para R\$ 400 bilhões em 2015, contribuindo com cerca de 30% do PIB do agronegócio, de acordo com dados da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil). Foi o período de maior alta na série histórica do setor. Ou seja, o setor de atividades agropecuárias é responsável pela maior renda do país.

O Brasil é o maior exportador mundial de carne bovina e de frango, fora alimentos agríco-

Setor responsável por 60% da perda de biodiversidade global e por 24% das emissões de gases do efeito estufa

las, desta forma a maior parte do lucro vem das atividades rurais.

Os primeiros gados, no Brasil, vieram da ilha do Cabo Verde. No começo da colonização, o maior valor do gado era como tração animal para os engenhos de cana-de-açúcar. Mas, depois de determinado tempo, os canaviais começaram a ser prejudicados por conta do grande crescimento do rebanho. Sendo assim, a criação dos animais passou por diversas mudanças desde o período colonial e foi feita de uma forma diferente em cada região do Brasil devido à fatores como clima e localização.

Analizando agora um passado mais próximo, nos anos 70, em que o governo militar

agrícola, tendo como acompanhante o desmatamento em regiões de baixa ou nula infraestrutura, além da utilização de terras esgotadas pela agricultura, tudo em nome de uma crescente demanda do mercado. A indústria pecuária tomou proporções irrefreáveis, mas é necessária a reflexão sobre o impacto desse fenômeno para que haja perspectiva do que o futuro guarda para a humanidade.

Atividades produtivas da agropecuária, quando praticadas em grande escala, geram diversos impactos prejudiciais ao meio ambiente.

Em 2006, a Organização das Nações Unidas (ONU) alertou que a criação industrial de animais é um dos principais responsáveis pelos mais graves problemas ambientais do planeta.

Dentre eles está a elevada emissão de gás metano (CH₄), forte causador do efeito estufa, considerado 86 vezes mais destrutivo do que o dióxido de carbono (CO₂), que é emitido por veículos.

A frequente emissão do gás é gerada a partir dos processos de digestão e fezes dos animais e também da derrubada de florestas, que dão lugar aos pastos. A situação é tão grave que dados do Sistema de Estimativas de Emissões de Gases de Efeito Estufa (SEEG) indicam que a criação de gado produz mais gases que todo o setor de transporte. Consequentemente, este fato gera um impacto alarmante no aquecimento global.

O desgaste do solo é outro grave problema causado por essa atividade, pois, sem os cuidados necessários, os processos erosivos podem evoluir, passando de um pequeno arraste de sedimentos até a abertura de grandes valas no terreno. Há também a salinização, que seria a concentração progressiva de sais causada pelo péssimo manejo da irrigação em regiões áridas.

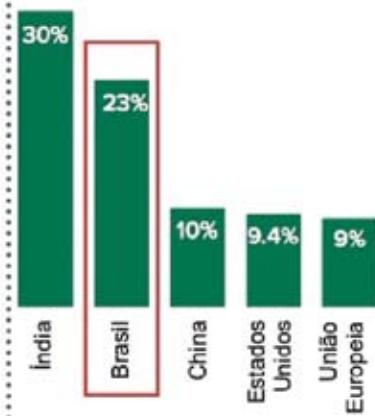
Outro setor afetado é a redução da biodiversidade, que engloba a morte e a extinção de diversas espécies. A extinção de animais e vegetais é constantemente ameaçada por queimadas e desmatamentos. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), a perda da biodiversidade pode comprometer cultivos alimentícios e impactar negativamente o setor agrícola futuramente. Países relataram à FAO que 24% das quatro mil espécies de alimentos silvestres, principalmente plantas, peixes e mamíferos, vem apresentando queda vertiginosa.

Ademais do desmatamento, a superexploração da pesca e a contaminação de solos e aquíferos são algumas das causas mais diretas da perda de biodiversidade, às quais é preciso somar o impacto da mudança climática produzido pelo uso de combustíveis fósseis.

Os sistemas atuais de produção de alimentos são ineficientes e insustentáveis. Responsáveis

Comparação de criação de animais

Brasil tem segundo maior rebanho bovino do mundo



Fonte: USDA

Tradução: BeefPoint (www.beefpoint.com.br).

decidiu pela ocupação da Amazônia, houve uma grande expansão de pastagens e de rebanho e a pecuária tornou-se o meio mais barato de ocupação da terra a ser desbravada.

Dessa forma, é nítido que a pecuária brasileira sempre esteve às sombras da expansão da fronteira



por 60% da perda de biodiversidade em nível global e por 24% das emissões de gases do efeito estufa, alertou o Painel Internacional de Recursos (IPB).

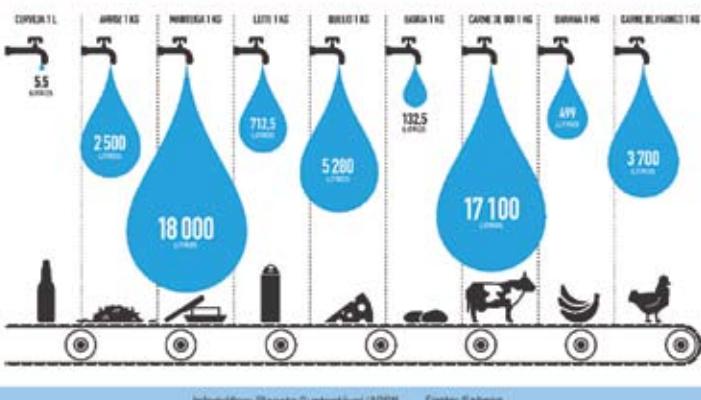
O gasto de água também é um fator de extrema relevância quando se fala de agropecuária, visto que seu consumo para a atividade é muito elevado. São necessários 2.500 litros de água potável para produzir apenas um quilo de carne bovina. Pesquisadores estimam que mais da metade da produção mundial de grãos, inclusive, não é destinada ao consumo humano, mas sim, à população animal, desta forma a demanda hídrica para o ciclo produtivo é alta.

O consumo de recursos hídricos (que inclui água para irrigação, uso na indústria e o abastecimento humano) no Brasil deve aumentar 24% até 2030, e a maior contribuição proporcional é da agropecuária, segundo levantamento da Agência Nacional de Águas (ANA).

Quantidade de água utilizada na produção de cada produto

A ÁGUA QUE VOCÊ NÃO VÊ

Você consome sem perceber. Veja o quanto de água potável é necessário para produzir itens do seu cotidiano



Além das plantações, a pecuária gasta 88% de água por ano para manter seus rebanhos.

Considerando o fato de que é usado uma quantidade numerosa de água para as atividades rurais e industriais, a ONU vem divulgando alertas pela preservação desse recurso natural para suprir a demanda de alimentos. Na prática, é preciso focar em esforços para equilibrar seu uso, investimentos em infraestrutura e aprimoramento de instrumentos regulatórios. Estima-se que até 2025, cerca de 2 milhões de pessoas viverão em regiões com absoluta escassez.

Uma das regiões mais afetadas pela agropecuária é a Amazônia, principalmente nas áreas do Mato Grosso, Pará, Tocantins e Rondônia. O crescimento da pecuária nesse local foi determinado por vários fatores importantes. Um dos motivos se deve aos baixos preços da terra na região e a maior produtividade das pastagens nos centros pecuaristas. Estima-se que a produção média de vários sistemas de criação em larga escala na Amazônia foi cerca de 10% maior do que no restante do Brasil, sendo as queimadas a principal causa do desmatamento.

Devido ao uso excessivo da Amazônia para criação de pastos, a região sofre um desflorestamento constante, tirando a casa de muitos animais e indígenas que habitam na região. Segundo dados da "Mercy For Animals", organização internacional de proteção animal sem fins lucrativos, "A Amazônia é desmatada em uma velocidade de um campo de futebol a cada minuto." O aumento da demanda impulsiona tais números de desmatamento.

Entre 1990 e 2005, foi constatado 71% do desmatamento da Amazônia (no Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname). Essa ação foi impulsionada pelo aumento da demanda das

indústrias alimentícias. As áreas direcionadas aos rebanhos são números extremamente elevados, visto que, no mundo, a pecuária ocupa 83% das terras agrícolas, principalmente para pastagem e produção de ração.

O Contraponto entrevistou o Engenheiro Agrônomo Marcelo Fernandes Bessa sobre as correlações entre a agropecuária e a preservação ambiental

Contraponto – Qual é o impacto da pecuária no meio ambiente, visto que é necessário diversos procedimentos de desmatamento?

Marcelo Bessa – Embora toda atividade produtiva carregue um impacto, a pecuária atual não necessariamente vem precedida por um desmatamento. A pecuária intensiva utiliza espaços menores, com técnicas que alimentam os animais sem que ocorra necessidade de aumentar exaustivamente campos e/ou desmatar para plantar o alimento que será a base nutricional dos animais. A pecuária extensiva, em pastagens livres que ocupam maiores espaços não tem avançado, pois não se encaixa mais em modelos sustentáveis.

CP – Qual é a consequência de grande parte do plantio de soja ser destinado aos rebanhos, e como você enxerga essa questão?

MB – A soja ainda é a grande fonte proteica para a alimentação animal em escala mundial, não tem um substituto para se sobrepor a ela. Não se pode contar apenas com a base de carboidratos na alimentação animal, mas sim compor o melhor possível entre os carboidratos e os proteicos. Para que a proteína vegetal alimente os rebanhos e atinja uma conversão eficaz em proteína animal, enquanto não se chegar a um vegetal tão eficiente quanto à soja (que ocupa sim grandes áreas), é necessário conviver com outros proteicos como farelo de milho, DDGS, levedura seca inativa, etc.

CP – Como você enxerga as ONGs que tentam diminuir tais procedimentos, com o intuito de minimizar os impactos ambientais?

MB – As ONGs têm sim uma representatividade importante, mas ainda carecem de conhecer mais profundamente os pilares de processos de produção, pois sustentabilidade não ocorre somente com uma visão do tripé Social + Econômico + Ambiental, mas também com um quarto elemento, o Operacional.

CP – A agricultura tem um papel no desgaste e empobrecimento do solo?

MB – Não existe atividade produtiva em um ambiente antropizado sem que haja um mínimo de impacto. Porém, dizer que agricultura desgasta e empobrece o solo seria uma grande maldade, pois isso só se aplica para um produtor irresponsável.

Qualquer produtor agrícola responsável pratica o contrário, conservando e otimizando o uso do solo. Basta ver os resultados de produtividade que vêm sendo obtidos, o aumento vertical da produção (mais com menos áreas), a introdução de microbiologia para o solo (biofertilização), controle biológico de pragas, incentivos ao plantio direto, entre outros.

CP – Existe alguma prática atual de redução nos impactos ambientais na agropecuária?

MB – Sim e são muitos. Além dos já citados, podemos acrescentar como elementos de redução dos impactos o uso de agricultura de precisão, reuso de água, fertirrigação com subprodutos, biodigestão de resíduos de animais, biodigestão de resíduos agrícolas, substituição parcial de adubos minerais por adubos orgânicos, manutenção de áreas de proteção ambiental (APAs) com menor ocupação, melhoramento genético das matrizes animais, uso de probióticos e prebióticos na alimentação animal.

Informações do impacto da agropecuária no meio ambiente



REUTILIZÁVEL X DESCARTÁVEL

Por Beatriz Aguiar e Vitória Martins

Uma pesquisa realizada em 2018 pela marca de absorventes Sempre Livre, pertencente ao grupo Johnson & Johnson, em parceria com a KYRA Pesquisa & Consultoria, revelou que a menstruação ainda é um tabu. Foram entrevistadas 1.500 mulheres entre 14 e 24 anos, de cinco países: Brasil, Índia, África do Sul, Filipinas e Argentina.

No Brasil, 60% das meninas se sentem desconfortáveis menstruadas, contra 50% mundialmente. 76% das entrevistadas nos cinco países se sentem "nojentas" ao menstruar e duas em cada cinco meninas pedem absorvente a outra mulher como se falassem de um segredo.

Se a menstruação ainda é tratada aos cochichos, como falar de absorventes verdes?

O documentário *Absorvendo o Tabu* da Netflix, vencedor do Oscar de Melhor Documentário Curta-metragem, mostra que na Índia o acesso a absorventes descartáveis é difícil. Com preço elevado, muitas mulheres se fecham em casa durante o período menstrual e utilizam panos no lugar do absorvente.

Apesar do "final feliz", com a criação de uma máquina capaz de produzir absorventes descartáveis a baixo custo, o documentário não problematiza o acesso a absorventes ecológicos, como o de pano ou o coletor menstrual.

A entrada na puberdade está acontecendo mais cedo no mundo. Cem anos atrás era aos 14 anos, contra aos 12 atualmente. Com taxas de natalidade mais baixas ou seja, menos tempo de gravidez e com a menarca (primeira menstruação) ocorrendo mais cedo, o tempo que uma mulher passa menstruada hoje é maior do que há cinquenta anos. Toda esta mudança aumenta também a produção de lixo.

As matérias-primas do absorvente descartável são as mesmas da fralda descartável, cuja decomposição na natureza é de 600 anos, segundo o site da Eco-Unifesp.

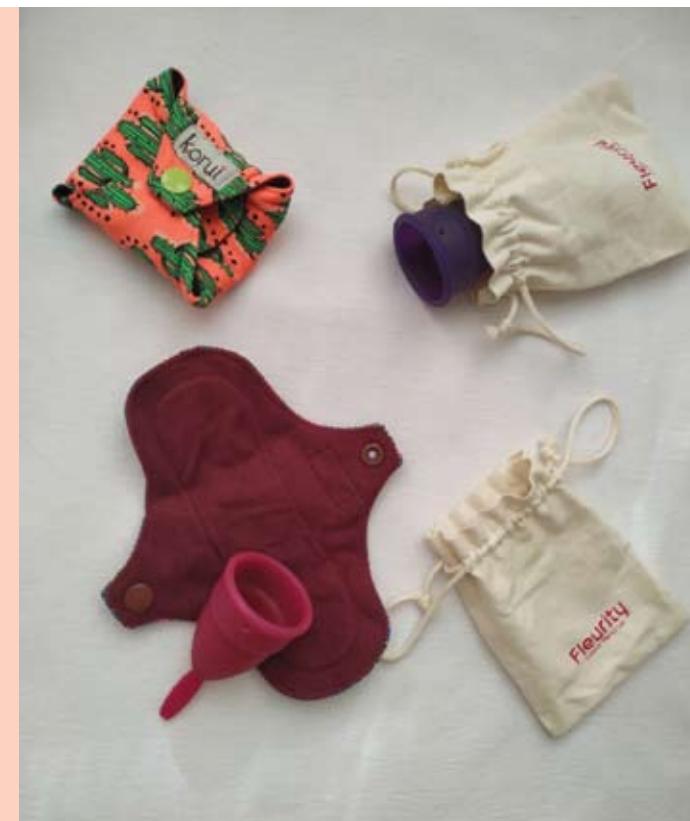
A Fleurity, produtora de coletores menstruais, calculou que "durante um ano uma mulher com o ciclo de 4 dias usa 24 pacotes de absorventes de 200 gramas. Isso implica na utilização de 8 mil absorventes durante a vida, o que daria um total de 182 kilos de absorventes".

Já com um coletor menstrual a história é outra. Usando o coletor de marca de 250 gramas, cuja expectativa de uso é de dez anos, e utilizando apenas 5 coletores durante a vida, uma mulher produziria menos de 1,5 kg. Além disso, a economia financeira também é grande.

A marca calculou que usando 2 pacotes com 8 unidades de absorvente de R\$5,97 (para um ciclo médio de 4 dias), o gasto mensal seria de R\$ 11,94 e o anual de R\$ 143,28. Em dez anos seriam R\$ 1.432,80 gastos.

A Fleurity surgiu em 2015 e, com Flávia Alessandra como garota propaganda, logo se popularizou. A Korui, propagada pela ativista e apresentadora Bela Gil, promove não só a bandeira verde, mas também a social. Ambas as marcas possuem projetos sustentados pela venda de seus produtos.

Coletores menstruais, absorventes reutilizáveis e calcinhas absorventes reacendem o debate sobre o tabu da menstruação



© Beatriz Aguiar

Iniciativas ecológicas para o período menstrual

da marca é doado a uma mulher carente. Os números no site informam que já foram mais de 1200 coletores doados em 21 comunidades diferentes.

Imaginar, porém, que a pobreza menstrual está longe dos grandes centros é uma ilusão. Em junho, foi aprovado pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro a lei 6.603/2019, prevendo a distribuição gratuita de absorventes descartáveis nas escolas da rede municipal.

São Paulo chegou a ter um projeto de lei parecido (PL nº 55/2013) que previa o fornecimento obrigatório de absorventes descartáveis na cidade há quem possuísse renda familiar inferior a 2 salários mínimos. O PL foi vetado em 2016 pelo então prefeito Fernando Haddad. Embora tais iniciativas sejam válidas, não solucionam o problema.

O absorvente ecológico não é apenas uma escolha sustentável e financeira, é um caminho de independência para muitas mulheres. Quebrar o tabu é libertar as mulheres e (esperançosamente) a natureza.

● Calcinha absorvente

É recomendado para quem tem fluxos leves e moderados, ela possui camadas finas de tecidos especiais e inteligentes que a tornam absorvente, impermeável e respirável. Existe a opção de usar como uma segunda proteção, usando junto com o coletor ou absorvente. Igual uma calcinha comum, é ecológica pois é reutilizável.

● Coletor menstrual

É um pequeno copo feito de silicone medicinal e de uso intravaginal. Totalmente hipotergênico e diferente dos absorventes descartáveis, sua finalidade é coletar o sangue menstrual de forma prática, segura e pode ser usado em até 12 horas. Sua vantagem é que o muco vaginal continua intacto, não ressecando a região íntima feminina e preservando a flora vaginal.

Virgindade & Coletor

Uma das grandes dúvidas sobre o coletor é se a mulher ser virgem ou não influencia no uso. Em algumas culturas a virgindade feminina é associada a presença do

hímen, uma fina membrana presente no canal vaginal que pode vir a romper ao andar de bicicleta, andar a cavalo ou pelo uso do coletor menstrual, o que não significa que a pessoa não é mais virgem e sim que uma "pele" se rompeu. Ter acesso à informação e se sentir bem com o uso do coletor é a prioridade.

● Absorventes de pano

Também feitos com tecidos modernos e inteligentes, que o tornam respiráveis, impermeáveis e muito absorventes. Os absorventes reutilizáveis podem ser lavados na mão, no banho ou na máquina junto com as outras roupas. Ele é saudável e amigável a pele, não contém os nocivos géis químicos dos absorventes descartáveis. O absorvente de pano reutilizável é uma opção bem mais econômica, além de ser melhor para o meio ambiente.

Mas vaza?

Não, os absorventes de pano atuais são feitos com tecidos especiais e tem um design inteligente. Os modelos são anatômicos e se adequam ao seu tipo de fluxo.

KOSI EWE, KOSI ORISA – SE NÃO HÁ FOLHA, NÃO HÁ ORIXÁ

Por Julia Cachapuz

Fé de resistência, que encontra seu nome na junção de duas palavras diferentes: "Candombe", do quimbundo, "Dança de Atabaques", e "Ilé", do iorubá, "casa". Aqui temos Candomblé, "a casa da dança de atabaques", religião surgida na Bahia, que possui suas raízes primárias na África, chegando em terras brasileiras através dos navios negreiros.

Durante quatro séculos, foi deslegitimado, colocado na ilegalidade, marginalizado, endemonizado perante os olhos da sociedade brasileira, enquanto "coisa de escravo", ou "coisa do demônio", por estar em um território regido pela Santa Igreja Católica (majoritariamente branca), o culto teve de buscar refúgio no sincretismo com as figuras sacras vindas de Roma para que seus devotos pudessem cultuar os Orixás sem perturbações, quando na verdade não propunha nada mais, nada menos do que valores necessários para se viver uma vida minimamente decente.

Muito além das crenças de pré-conceito a respeito das religiões de matriz africana, em que a intolerância religiosa não consegue alcançar, está a noção de que toda fé assentada nas tradições, nascidas (e renascidas) em mais de três séculos de escravidão (1525-1851) no Brasil, é uma fé regada de ecologia antes mesmo de essa ser uma palavra concebida por nosso vocabulário.

As histórias de seus antepassados, passadas de geração a geração, mostram que todos os adeptos ao Candomblé aprendem logo no início de suas caminhadas espirituais que a maior lição dada pelos antigos é a necessidade de manter, dentro de si, o equilíbrio entre suas respectivas vidas e os recursos naturais, partes de extrema importância em sua existência. "O homem é apenas uma pequena semente".

Dentro das casas de axé, responsáveis por guardar as rodas de santo do Candomblé, onde o divino desce em terra para, através dos corpos mortais de seus fiéis, alimentar os corações dos adeptos a essa prática religiosa, tudo é voltado para uma celebração mágica das forças da natureza. Dos maiores festejos, até os menores e menos perceptíveis detalhes.

Os orixás, por exemplo, são a maior expressão da louvação a natureza dentro do Candomblé. Facilmente compreendemos a rainha dos sete mares, Yemanjá, como uma deusa, quando na verdade ela é uma força espiritual natural responsável por guardar o oceano, completando os ambientes que compõem a Terra, ou Ayié, das religiões de santo.

"Quem é do Candomblé tem o dever de defender a natureza", afirma em alto e bom tom Makota Valdina – ativista ambiental e liderança no terreiro Nzo Onimboya – durante uma entrevista ao *Correio Braziliense*. A declaração dada pela senhora de presença forte e figura memorável, digna de admiração, reforça o caráter preservacionista da religião.

Encontramos nos banhos e oferendas aos orixás mais formas de lembrar os seres humanos que esses são parte da natureza e de seus ciclos etéreos.



Oferenda ao orixá dos mares, Yemanjá

OS ORIXÁS, POR EXEMPLO, SÃO A MAIOR EXPRESSÃO DA LOUVAÇÃO A NATUREZA DENTRO DO CANDOMBLÉ. FACILMENTE COMPREENDEMOS A RAINHA DOS SETE MARES, YEMANJÁ, COMO UMA DEUSA, QUANDO NA VERDADE ELA É UMA FORÇA ESPIRITUAL NATURAL RESPONSÁVEL POR GUARDAR O OCEANO, COMPLETANDO OS AMBIENTES QUE COMPÕEM A TERRA, OU AYIÉ, DAS RELIGIÕES DE SANTO.

Pai Antenor, líder religioso candomblesta, afirma, em uma entrevista para "Geledés: o Instituto da Mulher Negra", que "a maioria dos rituais dentro do candomblé, só servem pra fortalecer. É uma forma de você estar em harmonia com a própria natureza. Quando você faz rito para Oxum, você está fortalecendo a força do rio, não é? Você está restabelecendo, alimentando, você está ao mesmo tempo se harmonizando com o seu elemento principal; se você for, no caso, filho de Oxum, você está se harmonizando com essa força, que é a força do rio, da água doce".

De modo sucinto, para o Candomblé, ao responsabilizar-se pelos bons cuidados ao meio ambiente, você não assume o compromisso de preservar apenas as matas ou as águas. Também carrega, dentro da sua fé, a obrigação de se preservar enquanto parte primordial da natureza.

No ápice de uma crise ambiental arrebatadora, que vem ganhando os holofotes da mídia cada dia mais, como uma forma de atentar para os riscos da vida como conhecemos, as religiões de matriz africana alertam de modo secular, antes de qualquer congresso universal em prol do meio ambiente, para a emergência em preservar a natureza.

As narrativas entoadas pelas histórias tradicionais, passadas de mães e pais de santo, a todos os seus filhos, relembram o óbvio - que talvez nem seja tão óbvio assim, dada a atual circunstância em que o planeta se encontra - de forma sagrada: preservar a natureza é, sobretudo, preservar a nós mesmos.

QUANDO O CINZA DAS QUEIMADAS FOI DE ENCONTRO AO VERDE DO CAMPO

Por Henrique Sales e Raul Vitor

No fim de agosto deste ano, em jogo válido pela última rodada da Série C do Brasileirão, o Atlético Acreano venceu o Luverdense por 3 a 2 em um triunfo garantido apenas nos acréscimos da segunda etapa.

O jogo por si só não era nada atrativo. Ambas as equipes já estavam condenadas ao descenso para a Série D e entraram em campo apenas para cumprir tabela. O resultado disso se refletiu no público, o pior do campeonato: apenas 42 pessoas estavam presentes na arquibancada do Estádio Florestão, em Rio Branco, capital do Acre.

Qualidade técnica a parte, o jogo contou com gol relâmpago, virada de placar e, como dissemos anteriormente, decisão apenas no apagar das luzes da etapa final. Foi uma partida quente e sufocante não só por isso, mas também pelo que ocorreu fora dos gramados.

Enquanto eram feitos os últimos ajustes para o início da peleja, era possível se observar labaredas de até dois metros de altura tomando conta de uma área de mata próxima do Florestão. Segundo Corpo de Bombeiros local, 10 hectares de mata foram devastados pelo fogo.

Para efeitos de comparação, a dimensão do gramado de um estádio que recebe partidas de uma divisão nacional no Brasil costuma ser de 7.140m². Se convertermos a área que foi devastaada em m², temos cerca de 100 mil m² destruídos pelo fogo. Uma área cerca de 14x maior que aquela em que a bola estava prestes a rolar.

As chamas se aproximavam e aumentavam em um nível galopante ao passo que o horário do jogo, marcado para às 18h, se aproximava. Agosto costuma ser um mês de clima quente e seco na região, e o termômetro, quase batendo 30°C, acabou se tornando mais um agravante naquele contexto.

Mesmo sob protesto de jogadores e do corpo técnico de ambas equipes para não ser dado o apito inicial naquelas condições, a árbitra Charly Deretti resolveu iniciar o jogo. A partida começou com quinze minutos de atraso, pois não havia ambulância no local.

Logo aos três minutos da etapa inicial o Luverdense abriu o placar com o centroavante Tozim, em cobrança de falta. Dois minutos depois, a árbitra catarinense se rendeu aos reclames e resolveu paralisar o jogo devido às más condições de visibilidade e respiração para os atletas e até para ela mesma.

"Está impossível trabalhar aqui nas cabines, imagine correr no campo?", disse Helton Lima, radialista que estava a trabalho no Florestão naquele dia, para a *Folha de S. Paulo*. No dia posterior ao jogo 26 de agosto o jornal paulistano inseriu em seu caderno de esportes uma foto dos jogadores saindo de campo enquanto o fogo tomava conta da mata ao fundo.

Igor Tavares, lateral do Atlético Acreano, esteve presente durante os noventa minutos de jogo. "Aquilo foi inédito", disse o atleta ao Contraponto, referindo-se ao fato de nunca ter visto um incêndio de grandes proporções de tão perto.

O dia em que o fogo se aproximou do Florestão



© Manuel Façanha

Fogo consumindo parte do campo B da Federação de Futebol do Acre

"Acredito que a paralisação não interferiu no resultado da partida, mas muitos jogadores estavam com dificuldade de respirar", completou.

A partida, que já não contava com muito glamour e expectativa de futebol bem jogado, teve o nível técnico ainda mais rebaixado em decorrência da fumaça causada pelo fogo. Segundo o relato elaborado pelo portal sul-mato grossense "Esporte & Notícias", o jogo foi "feio" e "sem motivação aos torcedores".

A capital acreana pertence à Amazônia Legal (área que abrange 9 estados brasileiros e foi criada pelo governo em 1953 para o planejamento do desenvolvimento econômico do território contemplado). Recentemente, devido ao crescente número de queimadas registrados neste ano a região, que abrange a vegetação e a bacia amazônica, foi tema de manifestações da sociedade civil e pauta quente de veículos de imprensa no Brasil e no mundo.

No mês anterior ao jogo, em julho, o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) havia identificado um crescimento de 278% no desmatamento na Amazônia em relação ao mesmo período no ano passado. A escalada das queimadas seguiu alta em agosto, com crescimento de 222%.

A divisão de pneumologia do Instituto do Coração (Incor) aponta que a prática de atividades físicas em meio a elevada concentração de poluentes aéreos gera efeitos negativos ao organismo.

"Durante o exercício, você pode estar mais propenso a respirar pela boca do que pelo nariz. Diferentemente do nariz, a boca não está apta a filtrar algumas partículas maiores de poluentes do ar e assim impedi-las de chegarem aos pulmões. Portanto, respirar pela boca pode levar a uma entrada maior de poluentes nas vias aéreas. Durante o exercício, as partículas menores podem

atingir os pulmões mais profundamente. Quanto mais poluente você inalar, mais você pode sofrer seus efeitos negativos", avalia o Incor.

O artigo "A poluição do ar e o sistema respiratório", publicado no Jornal Brasileiro de Pneumologia, alerta que a presença de materiais particulados, de diversos tamanhos, gera radicais livres, que ocasionam um processo inflamatório nas vias respiratórias.

"Um aumento da presença de radicais livres, que não foram neutralizados pelas defesas antioxidantes, inicia uma resposta inflamatória que atinge a circulação sistêmica, levando a uma inflamação subclínica com repercussão não somente no sistema respiratório, mas também causando efeitos sistêmicos.", alerta o artigo.

Dois dias antes da partida (23 de agosto), Gladson Cameli, governador do Acre, decretou estado de emergência devido às queimadas no Estado. Na primeira quinzena daquele mês, 30 mil pessoas procuraram a rede municipal de saúde da capital acreana com problemas respiratórios, um aumento de 188% comparado ao mesmo período do ano passado.

Em maio, em visita ao município de Sena Madureira, Cameli disse para produtores rurais não pagarem multas ambientais que lhe forem impostas. "Me avisem e não paguem nenhuma multa, porque quem está mandando agora sou eu", arrancando aplausos dos presentes.

Alguns clubes se manifestaram sobre as queimadas na floresta amazônica, demonstrando preocupação. O Corinthians publicou um vídeo de quinze segundos em suas redes sociais com o mapa do Brasil dentro do seu escudo pegando fogo. Já o rival Palmeiras soltou uma pequena nota com o título "não deixem que o verde se torne cinza".

TRONCO, GRÃO, SOJA E MINÉRIO

Por Raul Vitor e Dimitrius Vlahos

No começo de agosto de 2019, a região da Floresta Amazônica sofreu com a maior onda de queimadas dos últimos 5 anos. De acordo com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), os incêndios aumentaram 82% em comparação aos primeiros 8 meses de 2018.

Apesar do crescente número de incêndios criminosos na floresta desde o início do ano, a região passou a ganhar mais destaque nos noticiários quando as queimadas se intensificaram e vestígios do fogo e das cinzas atingiram São Paulo.

No dia 19 de agosto, o céu da maior cidade do país estava escuro às 15 horas. O fenômeno ocorreu devido a chegada de uma frente fria, aliada à fumaça vinda das queimadas da região norte e centro-oeste do país, segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

O momento vivido levanta questionamentos sobre como e por quais motivos as queimadas na região da Floresta Amazônica estão ocorrendo de forma intensa. Ladislau Dowbor, professor do departamento de economia da PUC-SP, aponta os fatores e os principais beneficiados de um sistema insustentável de exploração da floresta.

Para Dowbor, no Brasil atual, há uma articulação entre interesses internacionais e articuladores internos. "Os interesses internacionais não existem fora do país. Nenhum sistema de exploração internacional – exploração no mal sentido – é empreendido sem que os grupos internacionais organizem pessoas interessadas, dentro do país, nas próprias inclinações dos grupos", afirmou.

"Eu acredito que existem pessoas que entendem que a saída se encontra na soberania e outras que acreditam que saída se encontra na submissão, crendo que isso seja mais eficiente para o país. A dominância dos militares, hoje, deixou a soberania de lado", alerta Dowbor.

Para reafirmar seu pensamento, o professor utiliza o exemplo da exploração da Floresta Amazônica e afirma que a devastação gira em torno do aproveitamento abusivo e interligado de quatro itens: madeiras preciosas, soja, carne e mineração.

"As madeiras preciosas rendem muito no mercado mundial. São milhares de dólares por tronco", destaca. Por conta dessa lucratividade, a exportação dos troncos acaba atraindo o interesse dos chamados *traders* [grandes grupos internacionais] que lidam com exploram as commodities. Dowbor informa que existe hoje uma concentração desse ramo, "são poucos, uns 16 no mundo e estão basicamente na Suíça", que aliam a utilização de tecnologias modernas para a localização das melhores madeiras com práticas arcaicas de suborno a autoridades locais.

Com o empobrecimento da floresta, o passo seguinte é a queimada. A queima da vegetação remanescente gera cinzas que ocasionarão uma fertilidade temporária do solo, o que permite o cultivo de grãos, como a soja. "É o conjunto de outro interesse internacional de commodities. Mais uma vez haverá a articulação de fazendeiros locais com os grandes donos de fazendas, que vivem no Rio de Janeiro ou em São Paulo, mas

Como o mercado de commodities iniciou uma articulação global pelo solo amazônico



© Raul Vitor

O ciclo da exportação amazônica

não se encontram no terreno. Eles ganharão com esse processo, já que as safras de soja serão exportadas", explica o professor da PUC-SP.

Mas o ciclo de exploração não termina aí. Como se costuma utilizar química para o maior rendimento da produção, os solos ficam extremamente fragilizados. Diante disso, Dowbor aponta que "a combinação dos agrotóxicos, mais as chuvas torrenciais típicas da região, que agora já não possui sua cobertura vegetal de origem, torna o solo propício para uma única prática: a pecuária extensiva. São enormes hectares de terra direcionados para a pecuária. É uma subutilização dramática de terra".

Nesse cenário, a fragilização do sistema legal de produção da Amazônia abre espaço para os garimpeiros e para a mineração. "Quando há conluio dos interesses das mineradoras, da soja,

da carne e da madeira, junto aos interesses dos gigantes das commodities, é notável que o interesse internacional se encontra articulado dentro do país", denuncia.

O economista aponta ainda os fatores para que isso esteja sendo feito de maneira desenfreada. "Não é preciso repor o desastre ambiental que está sendo criado. Não é preciso reconstruir a terra. Basta queimar. Olhe a influência que a bancada ruralista tem no Senado e na Câmara. Isto está sendo feito e ainda por cima, a preço de banana", completa.

Dowbor conclui dizendo que a coesão entre o interesse internacional e os interesses internos é uma desgraça para o futuro do país: "O momento em que vivemos no Brasil vai além do entreguismo. Essas práticas prejudicam o futuro do país e as futuras gerações. É lamentável".

MADEEEERA!

O mercado de madeira acompanha o Brasil desde o seu "surgimento". Não é à toa que o primeiro ciclo econômico da até então colônia portuguesa foi direcionado à exploração madeireira do Pau Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), o país é o mais produtivo no segmento florestal do mundo. De acordo com IBF, "o interesse comercial em plantações de madeiras nobres se dá principalmente devido à redução considerável da sua concentração em florestas naturais".

Como notado pelo professor Dowbor, além de ser um mercado muito lucrativo, a exploração de madeira é a primeira etapa do processo de articulação internacional para exploração da região Amazônica.

O IBF aponta que o retorno financeiro gerado pelo investimento no mercado de madeiras tropicais nobres é elevado. "Cada hectare de Mogno Africano em boas condições pode gerar uma receita líquida de mais 500 mil reais entre 14 e 21 anos", aponta o Instituto.

Preço de exportação de madeira



VERDE É O NOVO PRETO

Por Guilherme Bittencourt

Em fevereiro de 1947, Carmen Snow, influente editora de moda, se apaixonou perdidamente pelos vestidos diante de seus olhos: “Esse é o novo olhar!”, exclamou. As peças apresentadas pertenciam a um estilista debutante: Christian Dior. O visual apresentado naquela manhã de inverno ficaria conhecido como “New Look” – “novo olhar”, como havia descrito Snow – e era verdadeiramente revolucionário. De comprimento longo, saia ampla e cintura fina, os vestidos Dior eram feitos com até 20 metros de tecido, contrastando com o minimalismo da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), marcada pelo racionamento têxtil. A fartura de tecido tornou-se sinônimo de sofisticação e luxo, e simbolizou, também, o reflorescer de um país recém saído do conflito.

Sete décadas depois, no entanto, a indústria da moda é a segunda mais poluente do mundo, atrás apenas do petróleo. Segundo a Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos, em 2013, o descarte de lixo têxtil no mundo beirou 13 milhões de toneladas. E, apesar de grifes como a Dior serem responsáveis por uma pequena porcentagem desse número, são elas que, anualmente, estabelecem as novas tendências de vestuário, copiadas freneticamente por marcas mais populares e acessíveis.

Nos últimos dias de setembro de 2019, durante a semana de moda de Paris, Maria Grazia Chiuri, atual diretora criativa da Dior, apresentou sua coleção aos moldes dos novos tempos, em uma passarela coberta por 164 árvores, replantadas após o fim do desfile. Em entrevista à *Vogue*, Chiuri disse que apenas roupas bonitas “não são apropriadas para os dias em que vivemos” e que, apesar de conhecer a história da grife, quis criar um diálogo com o presente: “Hoje, estamos mais conscientes acerca da importância da sustentabilidade e da situação do planeta”.

A tendência sustentável, porém, não é exclusiva às grifes e muito menos às marcas mais tradicionais. Percebendo a mudança nos padrões de consumo, no qual os compradores exigem cada vez mais produtos sustentáveis, alguns gigantes da fast-fashion (moda rápida) já manifestaram seu comprometimento com a causa ambiental. A Zara – principal representante dessa forma de produção compulsória – anunciou que até 2025 todo algodão, linho ou poliéster usado nas coleções terá origem orgânica ou reciclada. Outros grandes nomes, como GAP e H&M, também já apresentaram linhas sustentáveis.

No Brasil, a Renner, defendendo a ideia de que a consciência ambiental deve começar cedo na vida, lançou, em 2017, peças de roupas infantis e adultas feitas de material têxtil reciclado. A também brasileira C&A se juntou ao movimento em 2018, com a campanha “Vista a Mudança” e uma coleção de peças de algodão orgânico e jeans reciclado.

Algumas marcas, entretanto, não conseguiram se iniciar no universo verde a tempo e seguem sofrendo com isso. A norte-americana Forever 21 declarou falência em setembro. Na última década, seu público jovem aderiu a movimentos de minimalismo e conscientização

Estilistas e gigantes da moda se dedicam para tornar a indústria sustentável



François-Henri Pinault, CEO do grupo Kering (à esquerda) com o presidente da França, Emmanuel Macron (à direita), no dia da assinatura do Fashion Pact



Desfile Dior verão/primavera 2020

ambiental, se tornando insatisfeito com as práticas agressivas ao meio ambiente da marca e gradativamente deixando de consumi-la.

As queimadas ocorridas na Amazônia em agosto de 2019 fomentaram intensas discussões políticas, sendo, no fim do mês, tema do discurso do presidente francês Emmanuel Macron no encontro do G7, sediado na França. O país, cuja capital nacional, Paris, é também uma das capitais internacionais da moda, assistiu, paralelamente, a outro encontro: 150 marcas, responsáveis

por 30% de toda produção têxtil, assinaram o “Fashion Pact”, um pacto que objetiva zerar a emissão de gases poluentes até 2050, recuperar a biodiversidade e proteger os oceanos. Assumindo a posição de anfitrião, como Macron fizera com outros líderes políticos, o grupo Kering (representante de marcas como Gucci, Balenciaga e Saint Laurent) reuniu para a assinatura do pacto nomes tradicionais como Chanel, Hermès, Burberry, Armani, Versace, Prada, Karl Lagerfeld, Calvin Klein e Tommy Hilfiger, assim como marcas esportivas, como Nike, Puma e Adidas, e de moda rápida, como a H&M, Zara e Gap.

Apesar da repercussão positiva e da ampla adesão, a maior holding de luxo francesa, LVMH, dona de nomes como Louis Vuitton, Givenchy e Donna Karan, não manifestou interesse em fazer parte do acordo. No entanto, Stella McCartney, filha do ex-Beatle Paul McCartney e designer da grife que leva seu nome – também pertencente ao grupo LVMH – fez questão de assinar o pacto.

A corrida das marcas pela iniciativa verde é tão humanitária quanto comercial: foi-se o tempo em que os estilistas reinavam absolutos, ditando o que se deve ou não vestir, sujeitando os clientes aos seus caprichos. É verdade que, antes do século XX – o “século dos estilistas” – já havia grandes modistas, como é o caso de Herniette Campan (1752-1822), responsável pelo guarda-roupa da rainha francesa Maria Antonieta, antes de sua execução, em 1793. Mas foi o inglês Charles Frederick Worth que, na Paris do século XIX, deu início ao fenômeno da alta-costura, que atravessaria o século seguinte com nomes como Coco Chanel, Christian Dior, Yves Saint Laurent e Gianni Versace.

As denominações foram várias: modistas, costureiros, fashionistas, estilistas e, atualmente, diretores criativos. A ambição, entretanto, foi por muito tempo a mesma: o luxo, o glamour, a arte, o sonho. Hoje, esses elementos se tornaram uma preocupação secundária em comparação ao lucro que, por sua vez, existe quando as expectativas do consumidor são atendidas.

O “Fashion Pact” e outras iniciativas sustentáveis são fruto não apenas de uma nova geração de designers, mas também de uma nova geração de consumidores. O CEO do grupo Kering, François-Henri Pinault, explicou que está confiante com os rumos que a indústria está tomando e que juntas, as marcas poderão “alcançar um patamar que nenhum de nós conseguiria sozinho”.

Em suma, se tratando de moda, o futuro do meio ambiente é decidido diariamente nos ateliês e nas lojas, locais em que a responsabilidade pela defesa do sustentável é dividida entre estilistas e clientes. A questão hoje não é mais se os guarda-roupas estão ficando maiores ou menores, mas sim qual o seu impacto na natureza.

BRASIL TEM SUA IMAGEM TRANSFORMADA NO EXTERIOR

Por Anna Baisi
e Manuela Nicotero Pestana

As eleições de 2018 marcaram um novo rumo para a política brasileira. A polarização recorrente entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) foi substituída pela ascendência de uma faceta política de extrema direita que remonta as ideologias do período ditatorial brasileiro (1964-1985). Nesse momento, a vitória do atual presidente, Jair Bolsonaro (PSL), reconfigura a ordem moral, econômica e externa do Brasil, agora marcada por pensamentos conservadores e radicais.

Através de suas falas retrógradas e exageradas, Bolsonaro garante o apoio de seu eleitorado, também reacionário e representativo dos diversos preconceitos instaurados nas estruturas sociais brasileiras. Porém, como chefe do Executivo, seus discursos são agora internacionalizados, uma vez que ele é o responsável por administrar a política externa do Brasil.

Em entrevista ao **Contraponto**, Marcos Cripa, professor de jornalismo e ética na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), aponta: "A diferença agora é que ele não é mais um capitão de exército, ele é o presidente da República e, como tal, ele deveria se comportar, mas não se comporta, lamentavelmente". Como descreve Cripa, a chegada ao poder deveria resultar em uma mudança na postura de Bolsonaro, no entanto, seus meses de governo demonstram o oposto. O atual presidente persiste nas falas desrespeitosas tendo como novo alvo líderes internacionais críticos ao seu governo.

No início de setembro, o presidente da República teve um confronto com a ex-presidente do Chile e comissária dos direitos humanos da ONU, Michelle Bachelet. O embate veio após a chilena fazer críticas ao modelo bolsonarista autoritário que, segundo ela, se caracteriza como "uma redução do espaço cívico e democrático brasileiro". Bolsonaro então exaltou o ditador Augusto Pinochet enquanto mencionava o pai de Bachelet, Alberto, torturado e morto durante o período ditatorial chileno. Nem mesmo o atual presidente do Chile, Sebastián Piñera, apoiador de Bolsonaro se calou diante do comentário: "Não compartilho a alusão feita pelo presidente Bolsonaro, (...) especialmente, num assunto tão doloroso quanto a morte de seu pai", declarou.

Outro episódio que agravou a já desmoralizada imagem brasileira no meio internacional foi a série de embates com o presidente francês, Emmanuel Macron, e a primeira dama, Brigitte, professora de Literatura em uma prestigiada escola parisiense. Após notícias sobre as queimadas na Amazônia chegarem à mídia internacional, o líder francês convocou uma reunião do G7, que foi criticada por Bolsonaro. No entanto, os ânimos se acirraram quando o presidente brasileiro comentou uma publicação no Facebook ridicularizando a aparência de Brigitte Macron, comentário que foi posteriormente endossado pelo Ministro da Economia, Paulo Guedes: "é feia mesmo", disse. A represália francesa veio através do discurso de Macron no G7: "Acho que os brasileiros esperam que seu presidente seja educado com os outros. Espero que tenham em

Há 10 anos, o Brasil era visto por outros países com muita festa, alegria e verde. Hoje, criou-se um grande alarde mundial sobre qual é a verdadeira imagem do país



Charge do cartunista Patrick Chappatte publicada no jornal suíço *Les Temps* em outubro de 2018

© Patrick Chappatte

breve um presidente que se comporte a altura", afirmou.

No fim de setembro, Bolsonaro discursou na Assembleia Geral da ONU. Ao invés de utilizar a oportunidade para amenizar os inúmeros embates diplomáticos em que se encontra, o presidente fez declarações polêmicas. Por exemplo, negou a existência de queimadas na Amazônia: "ela não está sendo devastada e nem consumida pelo fogo, como diz mentirosamente a mídia". Mas segundo dados divulgados pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), o número de focos de incêndio de 2019 já é maior que nos últimos quatro anos, tendo como possível causa o desmatamento.

Complexo de Vira-Latas

Originado por Nelson Rodrigues, o termo "Complexo de Vira-Latas" indicou o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação aos países desenvolvidos como países europeus e, principalmente, os Estados Unidos. Nas suas próprias palavras, o escritor afirma após a derrota do Brasil na Copa do Mundo, de 1950, pelo Uruguai: "Por 'complexo de vira-lata' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. O brasileiro é um narciso às avessas, que cospe na própria imagem".

Nos anos 50, Juscelino Kubitschek, em sua presidência, criou um Plano de Metas, que marcou o seu governo: "50 anos em cinco". Esse lema sintetizava seu ideal nacional desenvolvimentista, com o objetivo de diminuir os atrasos do capitalismo em relação aos países desenvolvidos. Posteriormente, outros presidentes também prometeram o avanço na potência econômica para poder superar o capitalismo tardio instal-

do na América Latina, sobretudo no Brasil, por conta da falta de identidade nacional devido ao colonialismo.

De acordo com Beatriz Gimenez, autora da pesquisa de iniciação científica "O Complexo de Vira-Latas na mídia" e estudante do último ano de jornalismo na PUC-SP, são as potências econômicas que ditam o que é certo e o que é errado. "Nós somos ensinados desde o início de nossa colonização que o que é correto vem de fora, e o que é interno e nacional está errado", completa.

Mesmo Bolsonaro garantindo que pretende "avançar" na compatibilização de preservação ambiental e desenvolvimento econômico, como garantiu no começo do ano em seu discurso no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça, Gimenez acredita que no contexto atual faz todo sentido o 'Complexo de Vira-Latas' no Brasil. Principalmente, devido ao fato de o próprio presidente endeusar o presidente norte-americano Donald Trump e suas ações, ignorando as questões do seu próprio país.

A imagem do Brasil no exterior sofre com as contradições políticas nacionais. Por um lado, existe um patriotismo e saudosismo em relação à terra natal, que se explica na Canção do Exílio, do poeta brasileiro Gonçalves Dias: "Minha terra tem palmeiras, Onde canta o sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá". Por outro lado, no momento atual, a imagem do país no exterior está se refazendo, como o artigo "Vigília da morte para a Amazônia", da revista britânica The Economist, aponta: "Se antes o Brasil era visto como liderança na área de meio-ambiente, agora o governo Bolsonaro coloca essa imagem em xeque".

TODOS PELA AMAZÔNIA

Na semana em que todo o país sentiu o efeito das queimadas da Amazônia, ao receber as nuvens de fumaça nas cidades, a população de diversos municípios foi às ruas para protestar contra as ações do atual governo nas questões ambientais.

Em São Paulo, no dia 23 de setembro, a Av. Paulista foi tomada por manifestantes de todas as classes, raças e idades.

Algo a se considerar foi que as ideologias políticas – em relação aos posicionamentos de direita ou de esquerda – não foram maiores que a preocupação de todos pela floresta.

Por Nádyia Duarte

© Fotos: Nádyia Duarte



Criança com cartaz de SOS



Cartazes e manifestantes ocupam a Av. Paulista



Faixa elaborada por estudantes



Críticas à indústria pecuária



Cartazes com críticas à Salles, atual ministro do meio ambiente



Estudante em cima da estrutura do MASP



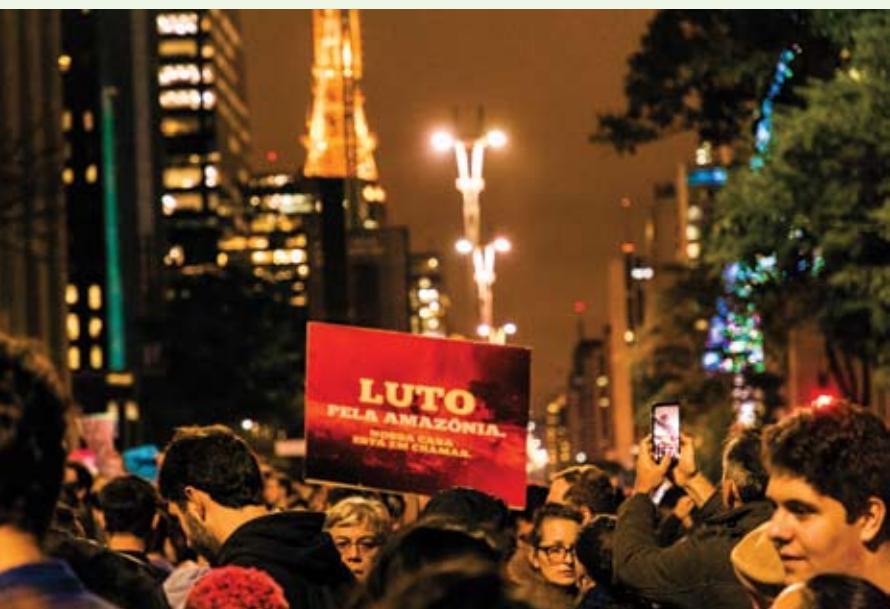
Manifestantes cantando gritos de resistência



Manifestação de comunidades indígenas



Placa de Luto pela Amazônia



A Av. Paulista é tomada por manifestantes



Cartazes elaborados por estudantes

CENSURA INVIABILIZA O SONHO DE VIVER UMA DEMOCRACIA

Por Isabela Fonseca Cagliari

A palavra democracia, em sua origem ateniense, apresentava significado divergente ao atual. Se antes o conceito condizia ao poder da polis sob os domínios dos "eupátridas", hoje, a política amplia-se a todos os cidadãos de uma sociedade, independentemente de classe, gênero, raça ou renda. Por sua vez, a definição de censura remete à restrição da liberdade e do conhecimento de algo por alguma instituição, frequentemente presente em regimes ditatoriais. Através do estabelecimento dos seus significados, democracia e censura, jamais poderiam fazer parte de uma comunidade simultaneamente, uma vez que a primeira exige plena liberdade e a última a reprime em certo contexto.

Mas governos ditos democráticos insistem em contradizer até mesmo os dicionários. O próprio Brasil é palco de tal incongruência. Sob a alegação de "proteção das crianças", Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro, determinou o recolhimento de exemplares com temática LGBTQI+ expostos na Bienal do Livro do Rio, no início de setembro. O alvo principal da medida, barrada posteriormente pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, foi o romance gráfico "Vingadores, a cruzada das crianças" (Salvat), que continha uma cena na qual dois personagens do gênero masculino selavam seu afeto através de um beijo.

Em resposta à tentativa de censura do prefeito, autores, editores e o público em geral fizeram manifestações em oposição ao ato intolerante. O youtuber Felipe Neto, dono de um canal na plataforma com mais de 34 milhões de inscritos, comprou e distribuiu, gratuitamente, cerca de 14 mil livros com a temática censurada a fim de protestar tal violência contra a democracia.

Diante da situação vigente, o Ministério Público do Rio de Janeiro (MPRJ) abriu um inquérito civil para averiguar a "apreensão de livros com conteúdo LGBTQI+ durante a Bienal do Livro de 2019". Além disso, o órgão governamental sugeriu que Crivella não interferisse na distribuição dos materiais que contivessem devido tema.

A partir do artigo 220 da Constituição da República Federativa do Brasil, no segundo item do capítulo V da Comunicação Social, a Atividade Legislativa vai de encontro com a prática cometida pelo prefeito quando reitera que "é vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística".

No entanto, a tentativa de censurar conteúdos não é um fenômeno presente apenas nos dias atuais. O período do regime militar brasileiro (1964-1985) foi um marco histórico no que se refere a essa prática. A ditadura civil-militar nunca foi uma democracia propriamente dita. Inclusive, a respeito desse fato, o jornalista Carlos Heitor Cony, falecido no ano passado, reuniu suas crônicas publicadas pelo jornal *Correio da Manhã* no livro *O ato e o fato*, durante o ano de 1964, que retratavam tal período antidemocrático, denominado em sua obra como "quartelada do primeiro de abril" ou ainda como "revolução dos caranguejos".

Ações autoritárias de natureza política ameaçam liberdade no país



© Isabela Fonseca Cagliari

Palestra "Resistir é preciso" realizada no teatro Tuca

Alicerçadas ao fato de repressão cotidiana, formas de resistência surgem a favor da democracia. Essas formas de resistir aparecem em representações teatrais, canções, danças, poesias dentre outras manifestações artísticas-culturais. Neste cenário, Chico Buarque elevou-se no campo da musicalidade ao compor canções como "Apesar de você", "Vai passar" e "Cálice" em contraposição ao governo exercido pelos militares durante 21 anos.

Resistir é preciso, sair do conforto também

Defronte às ofensas à democracia, a palestra "Resistir é preciso", no dia 11 de setembro, mediada por Florestan Fernandes Junior e Lívia Prestes, no Teatro Tuca, refletiu sobre a questão. Palavras, gritos, gestos e musicalidade compuseram a noite no ambiente lotado. Não faltou indignação, não faltou reclamação. Evento com mais de três horas de duração e mais gritos "Lula livre" por metro quadrado. O discurso proferido pelos palestrantes ressaltou a importância de ajudar as instituições de caridade, mas esqueceu de complementar que a ajuda àquele ao lado seria de mesma ou de tamanha magnitude.

A doação de dinheiro ao orfanato nunca visitado seria válida, porém a ida ao local para

estabelecer contato direto e para a percepção de que os corpos apresentam cheiro, cor e carne já ultrapassaria limites na percepção de algumas pessoas. A resistência deveria ser feita. A começar pela luta em prol dos direitos das minorias, fazendo frente aos contrários à distribuição justa (como deveria ser feita) dos direitos humanos.

Entretanto, resistir seria preciso. A audição, a presença e o sentimento poderiam ser um bom começo neste ínterim. Seria preciso resistir. Ao ódio, à intolerância e ao desrespeito em um primeiro momento. Diante disso, compreenderia a frase sábia de que o mundo não se transformaria apenas por meio de grandes mudanças, mas também pelos primeiros passos trilhados na própria vizinhança. Assim, através dessa perspectiva, pequenos gestos poderiam iniciar o processo de transformação e desencadear práticas maiores em um futuro próximo.

Esse ponto de evolução será atingido, mediante uma questão de tempo e paciência. Um molde secular não se transformará da noite para o dia. A beleza em si será encontrada no processo, mesmo que esse demore além do esperado. A proposta será que os mais simples gestos sejam tão praticados quanto os mais complexos. A tendência, então, será resistir ao conforto dos assentos almofadados para fazer a diferença em alguns momentos da vida.

PRISÃO DE DJ RENNAN DA PENHA ESCANCARA PERSEGUIÇÃO HISTÓRICA DA MÚSICA NEGRA

Por Sarah Catherine Camara de Seles

Rennan Santos da Silva, mais conhecido como DJ Rennan da Penha, famoso pelos hits "Brotá Na Penha" e "Eu vou passar", foi acusado, este ano, de envolvimento com o tráfico de drogas e denunciado como "olheiro", responsável por avisar os traficantes que a polícia está subindo o morro.

A prática de alertar o início de operações policiais é comum entre os moradores de favelas, por conta da força excessiva empregada pela mesma em combate aos traficantes. Os moradores fazem alertas em grupos nas redes sociais pedindo para que os demais fiquem atentos a possíveis balas perdidas e indicam onde o confronto está acontecendo.

O advogado de Rennan, Nilsomaro Rodrigues questionou, em entrevista ao G1: "tirar uma pessoa que saiu de uma comunidade carente e ascendeu a um nível de artista para encarcerar? Com qual objetivo? O que ele fez de errado?". A prisão do DJ não é algo isolado, é apenas mais um caso dentro de um conjunto de ações para diminuir a influência do funk.

Amailton Azevedo, professor de história da PUC-SP declara que "isso é fora de qualquer direito de expressão, é ferir o direito de fazer arte, de se expressar". Ele ressalta que "a partir de meados dos anos 1990 o funk alcançou outro público: o de classe média". Devido a isso, o estilo se popularizou cada vez mais nas décadas seguintes.

As músicas de Rennan tocam nas festas mais caras das grandes capitais do Brasil, além dos famosos festivais de música no país e no exterior. Na classe média brasileira o funk faz sucesso e quando está presente nesses locais não há repressão policial ou de outros tipos. Essa ocorre apenas contra aqueles que estão à margem da sociedade.

Azevedo declarou também que "em relação à prisão do DJ, não há lei que proíba um músico de expressar um determinado estilo, não tem estilo musical proibido no Brasil". Mesmo não existindo lei alguma contra determinados tipos de música, a justiça brasileira, nos últimos anos, tenta criminalizar o funk indiretamente, prendendo seus protagonistas e tentando acabar com os bailes.

A polícia invade os bailes dentro das comunidades nos quais o funk faz parte da cena principal. As operações são violentas e já resultaram em pessoas feridas. No entanto, o evento faz parte dos poucos momentos de lazer da população periférica, já que ações de promoção cultural e

diversão são mínimas por parte do governo dentro das favelas. Aquelas que existem (e resistem) são organizadas, em sua maioria, pelos próprios moradores. Os bailes promovidos são grandes iniciativas das quais o funk é protagonista. Além disso, atrai milhares de pessoas para a comunidade, movimentando a economia local.

Em 2017, houve uma "ideia legislativa" de criminalização do funk. A ideia teve o apoio de mais de 20 mil internautas e, por esse motivo, se tornou uma sugestão ao senado. A proposta foi analisada e negada por uma audiência pública realizada pela Comissão de Direitos Humanos (CDH), por ser caracterizada como discriminação da juventude das periferias.

De acordo com a Agência Senado, a criminalização seria prejudicial, pois "boa parte jovens de periferia e favelas (...) encontram no ritmo, formas de expressão e identidade". O nono parágrafo do artigo quinto da constituição federal de 1988 assegura o direito à expressão, inclusive musical: "IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença".

A criminalização da música negra e periférica não é novidade no Brasil. O samba da primeira república e a música baiana da época da ditadura já sofreram o que o funk sofre hoje. São três estilos musicais que têm a repressão em comum. Desde o começo das manifestações musicais advindas da periferia e dos negros existe discriminação.

O professor Azevedo nos recorda que "o samba foi considerado maldito na primeira república

e, durante a ditadura militar, houve explícitos atos de repressão sobre a música negra no Brasil".

"Com o desenvolvimento do samba no século XX, ficou explícito que a música era considerada primitiva, lasciva, selvagem e que não se adequava aos padrões de civilidade que se almejava no Brasil [daquele período]", completou.

O historiador traça um paralelo entre os gêneros e recorda que, assim como o funk, o samba foi desenvolvido no morro e era uma forma de lazer e distração para parte da população." O funk se encontra numa situação que, infelizmente, não se difere disso. O gênero musical foi malvisto ou indesejado desde o seu nascimento, que tem raízes no início da década de 1970".

Apesar dos acontecimentos recentes, em setembro de 2009, uma lei que define o funk como um movimento cultural e musical de caráter popular foi sancionada. Seu quinto artigo defende os cantores deste estilo: "os artistas do funk são agentes da cultura popular, e como tal, devem ter seus direitos respeitados".

Enquanto Rennan está preso há sete meses, o baile da gaiola, que o DJ e produtor idealizou, está presente na letra de dezenas de músicas de artistas como MC Kevin o Cris, MC Livinho, FP do Trem Bala, Dennis DJ e Nego do Borel. Seu baile funk também marcou presença no Rock in Rio 2019 e provocou reações quando no twitter, Hugo Gloss, jornalista e blogueiro, postou que o festival "virou um Baile da Penha" e os internautas reagiram pedindo liberdade ao criador do baile, com a #LiberdadeRennanDaPenha.



DJ Rennan da Penha em show

© Reprodução: Instagram

RELEMBRAR É PRECISO

Por Camilo Mota
e Isabel Bartolomeu

Rosalina Santa Cruz nasceu em Olinda, onde cursou Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco. Possui mestrado e doutorado em Ciências Sociais na PUC-SP, onde ministra aulas há 40 anos. Na ditadura (1964-1985), foi ativista na organização Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), presa em 1971 e torturada de diversas formas, durante o período de reclusão.

Rosalina é irmã de Fernando Santa Cruz, preso político desaparecido desde 1974 e tia de Felipe Santa Cruz, atual presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). A assistente social vem de uma família grande. Seu pai era médico sanitário e dirigia um posto de saúde em Recife e sua mãe, dona de casa. Os dois tiveram 10 filhos. De classe média, na infância, ao estudar em um colégio de freiras, que catequizava regiões afastadas da cidade, se impressionou com a pobreza e miséria existentes nas favelas e palafitas.

"Comecei a fazer questionamentos, sobre a pobreza, se era um fenômeno natural, que fazia parte da existência humana e vi que não era possível essa explicação", disse Rosalina.

Daí surgiu o sentimento contrário ao assistencialismo. "A injustiça me fez buscar um caminho para mudar o mundo e modificar aquela situação." Logo, decidiu cursar Serviço Social, por acreditar que a profissão juntamente com a militância poderia transformar o mundo.

Quando entrou na faculdade teve aulas com Paulo Freire, que influenciou bastante sua formação, e participou também do Movimento Estudantil e de programas alfabetização de adultos "Estava no começo da Ditadura, não havia o AI-5, ainda se tinha condições de uma militância mais aberta, sem uma repressão tão grande", completou.

Em 1967, após se formar, Rosalina estava na expectativa de quais seriam seus próximos passos. Já era ativista na Ação Popular Marxista Leninista (APML), e foi estudar durante seis meses na Venezuela, onde conheceu de perto a luta armada, que já estava presente em muitos países ao redor do mundo.

"A grande discussão era se o caminho da revolução, da mudança do mundo, era por uma via armada, semelhante a Cuba, ou se era uma luta prolongada de cerco às cidades, como foi na China." Ao voltar ao Brasil, Rosalina foi à cidade do Rio de Janeiro, onde, com um padre recém ordenado, fazia rodas de conversas e discutia diversas questões políticas e sociais do país com camponeiros, em uma igreja na baixada fluminense.

"Na época comecei a ter contatos com as organizações armadas, tive contato com a VAR-Palmares, e foi a que fiquei. A luta armada era um clamor dos jovens do mundo que sonhavam com uma sociedade de mulheres e homens livres e iguais", apontou.

Durante a militância, foi presa e torturada através da "geladeira" e do choque elétrico, além de ter sofrido muitas tapas, palmatórias e pressões psicológicas.

Vítima da Ditadura Militar, Rosalina Santa Cruz conta sua história e aponta quais foram os principais erros na construção histórica da democracia brasileira



© Camilo Mota

"Eram seis celas escuras, feitas de eucatex, onde o som não se propagava. A impressão que a cela transmitia era de uma espécie de 'emparedamento'". Cabia uma pessoa de pé e não era possível se deitar. Não havia espaço. Você podia abaixar e subir, mas não se deitar. Tinha um ar condicionado também, o frio era grande e tremer era inevitável. O rosto descascava de frio. Tudo isso sem comer. Não era possível ter noção de tempo, você fechava os olhos e, naquela escuridão, ouvia muitos gritos, ruídos e vozes. O choque elétrico era uma coisa terrível, você acha que está se partindo ao meio", relatou Rosalina.

A professora ficou 53 dias incomunicável e um ano presa, condenada pela Lei de Segurança Nacional. Primeiramente levada ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e depois encaminhada ao Destacamento de Operação Interna e Centros de Operações e Defesa Interna (DOI-CODI). Em seguida, Rosalina foi levada ao Presídio Feminino de Bangu.

Ela relembra que havia uma convivência humana de troca intensa. "As pessoas que convivi na cadeia são mais que irmãs, vivemos

situações de extrema intimidade. Passamos dias falando sobre as mesmas coisas uma com a outra. Contávamos a história de nossas infâncias. Aprendemos, naquela situação, a dividir e a compartilhar, a desenhar e a pintar", relatou.

"Quando ficamos em Bangu, estávamos isoladas das outras presas. Elas sabiam da nossa presença. Tinha um pavilhão que ficava isolado e elas gritavam: 'políticas, tó no isolamento, fala pro advogado de vocês, meu nome é esse, e dizem seus nomes. Sabiam que a gente tinha empatia com a situação delas, e tínhamos mesmo, embora tivéssemos uma condição até pior ali. Nós ficávamos isoladas no pavilhão. Elas tinham um acesso ao presídio, participavam da cozinha, do salão. Mas tinham uma vida muito pior, aqui fora", apontou.

Rosalina destacou que, durante esse período de detenção, "aprendi que todos os presos são presos políticos numa sociedade que prende um jovem porque roubou chocolate ou celular, onde ele não tem nem acesso e nem direitos. Ele só tem desejo de ter o que o outro tem. O sistema prende aquela pessoa e faz ela

própria e a sociedade acreditar que ele é o único culpado.”

Após ser libertada, seu irmão foi preso, mesmo sem participar da luta armada. Fernando Santa Cruz era um estudante universitário, ativista da APML e tinha um filho de um ano e dez meses. Foi preso em 23 de fevereiro de 1974, mas só na década de 1990 que a família soube do pior.

“No Brasil”, denunciou Rosalina, “havia campos de extermínio clandestinos, ligados às forças armadas, que executavam as pessoas. Meu irmão depois de preso numa rua de Copacabana junto com o companheiro Eduardo Collier, foi levado para um desses campos e nunca mais apareceu. Sabemos que ele foi para a Casa da Morte, em Petrópolis, e incinerado numa Usina no município de Goytacazes, em Campos, no Rio de Janeiro. Isso foi colocado para nós pelo delegado Claudio Guerra.”

Assim como na Alemanha nazista, as pessoas levadas aos campos eram postas em fornos de incineração. Nem as cinzas restavam, já que as cinzas eram jogadas em rios. “Por isso, minha família não ia achar nunca [o corpo de Fernando]”, afirma a professora, para sentenciar que seu irmão “foi preso e assassinado de forma cruel. Típico daquele período.”

Rosalina disse que nunca acreditaria que algo semelhante ao período ditatorial poderia voltar, mas afirma que o governo de Jair Bolsonaro está demonstrando que isso é possível.

“Sabemos que a sociedade capitalista não permite uma democracia plena, democracia de verdade não é essencial ao capitalismo. Mesmo depois das Diretas Já e da Constituição de 1988, da Comissão da Verdade, você tem um governo como o atual, que defende a tortura, a morte, o racismo, a homofobia” Ela ainda relembra, perplexa, que “um presidente que fez o que fez com meu sobrinho, (Felipe Santa Cruz – presidente da OAB), sem nós nem entendemos o porquê, e a tarde vai a uma barbearia, e faz chacota e diz que sabe onde está o meu irmão.”

E sobre um possível caminho para que a mudança da estrutura seja concretizada, Rosalina acha que só é possível aprofundando a luta política com participação popular. “Estamos vivendo um momento muito especial de transição. É preciso rever dos partidos políticos que podem ter um papel diferente. Tem que se reinventar a

política. Quando Bolsonaro foi eleito, ficou claro que a sociedade civil não tinha uma consciência política do que era, do que significava essa luta antipetista, que era uma luta anti-esquerda, e que não é só no Brasil que acontece. O mundo está lutando, hoje, entre conservadores e a chamada esquerda, aqueles que não querem conservar o que está dado são subversivos”, analisa.

A eleição de Bolsonaro, não só os poderes políticos e econômicos da classe dominante foram decisivos. Em muitos colégios eleitorais periféricos e bem pobres ele ganhou. “Teve o Nordeste, mas lá havia uma consciência política maior”.

Para a assistente social utiliza-se atualmente a mesma estratégia que usaram na Ditadura. “Diziam que os Estados Unidos e a CIA não influenciavam o Brasil, que não orientavam toda a repressão na América Latina, mas quando começaram as comissões da verdade, a brasileira foi a única na América Latina que auto anistiou os próprios militares. A Anistia no Brasil foi feita por um militar, Figueiredo, em 1979, e o pacto, na verdade, foi nada mais que uma ‘conciliação’ nacional. Os militares, sem serem julgados, eram anistiados assim como nós que tínhamos sido julgados e presos, condenados e torturados. Mas agora, o atual presidente, não apenas quer que eles continuem anistiados, como sejam também considerados heróis. Acho que isso é fruto da nossa pseudodemocracia, que não mexeu com o poder econômico e nem político”, denuncia.

Ainda sobre a Comissão Nacional da Verdade, fundada em 2010, com o intuito de apurar graves violações dos direitos humanos, Rosalina relembra que ela só existiu porque os familiares das vítimas recorreram à Corte Internacional. Para ela, “nossa Comissão da Verdade foi a mais atrasada de todos os países da América Latina, porque todos os outros tiveram julgamentos dos torturadores e, no Brasil, não. O Brasil fez uma conciliação nacional. Como se fôssemos todos iguais nessa hora. Tem depoimentos de militares que participaram da tortura e que, na própria Comissão disseram ‘É, eu matei. (Quantos você matou?) Ah, nem sei, matei quantos foram necessários.’ E saem de lá sorrindo, impunes”, acusa.

E a Comissão da Verdade só existiu porque os familiares recorreram à Corte Internacional e acusaram o Brasil de não ter feito uma política de transição.”

Mesmo diante de tantas adversidade, Rosalina acredita que é importante preservarmos a memória do que já passou: “Temos esse tipo de democracia bem fragilizada e, se não contarmos a nossa história, o que ocorreu realmente no país para as próximas gerações, elas não terão noção da formação histórica brasileira. É preciso contar esta história para que ela exista, para que não prevaleça a versão dos repressores.”

Ao finalizar a entrevista, Rosalina Santa Cruz menciona que, ao sair da cadeia em 1973, foi acolhida pela PUC-SP, onde iniciou seu mestrado em ciências sociais, com orientação de Octavio Ianni e com o apoio da Profa. Carmem Junqueira, à época coordenadora do curso de pós-graduação em ciências sociais da universidade. Ela relembra que a PUC-SP acolheu também professores expulsos de outras universidades, como Florestan Fernandes, Mauricio Tratemberg, Paulo Freire, Bolívar Lamounier, entre outros. A assistente social fez um agradecimento ao D. Pau-lo Evaristo Arns: “ele muito lutou e nos apoiou no período que precedeu a promulgação da Lei da Anistia e, posteriormente, a Anistia, na busca de desvendarmos o que realmente acontecera aos nossos familiares.”

Eram tempos sombrios, eram tempos de luta. Relembrar será sempre resistir.

“**SABEMOS QUE A SOCIEDADE CAPITALISTA NÃO PERMITE UMA DEMOCRACIA PLENA, DEMOCRACIA DE VERDADE NÃO É ESSENCIAL AO CAPITALISMO. MESMO DEPOIS DAS DIRETAS JÁ, DA CONSTITUIÇÃO DE 1988 E DA COMISSÃO DA VERDADE, HÁ UM GOVERNO COMO O ATUAL, QUE DEFENDE A TORTURA, A MORTE, O RACISMO, A HOMOFobia”**



Para saber sobre a história da família Santa Cruz, que é símbolo de luta e indignação, um compilado de relatos e depoimentos foram reunidos por Chico de Assis, Cristina Tavares, Gilvandro Filho, Glória Brandão, Jodeval Duarte e Nagib Jorge Neto no livro *Onde Está Meu Filho*, narrando a história de tamanha bravura de Elzita Santa Cruz, que passou 45 anos de sua vida fazendo a seguinte pergunta: “Onde Está Meu Filho?”, título da obra.

INTERESSE PÚBLICO NO HORÁRIO NOBRE

Por Giovanna Colossi,
Helena B Lorga, Natasha Meneguelli
e Sabrina Legramandi

Um ano depois da inauguração da TV no Brasil, em 1951, a Rede Tupi colocava a primeira telenovela no ar: *Sua Vida te Pertence*, de Walter Foster. Ela foi feita e transmitida ao vivo, pois na época ainda não existia o videotape, além dos capítulos só serem exibidos às terças e quintas-feiras.

Com o tempo, isso mudou e as novelas passaram a ser transmitidas de segunda a sábado. Produções de grande sucesso surgiram e com altos índices de audiência, como: *Irmãos Coragem* (1970), *Dancyn' Days* (1978), *Roque Santeiro* (1985), *Vale Tudo* (1988), *Por Amor* (1997), *O Clone* (2001), *Avenida Brasil* (2012) e outras mais.

A novela se destaca na sociedade não somente pelas suas histórias atraentes, mas também por exibir questões da atualidade, denunciando problemas sociais e mostrando possíveis soluções. Originária dos folhetins franceses, do século 19, se desenvolveu para a radionovela, na década de 1940, e hoje é um dos programas de maior audiência da TV, muitas vezes sendo líder no IBOPE. Para estudar melhor este tema, Daniela Jakubaszko escreveu o livro *A representação de temas de interesse público na telenovela brasileira*. Confira, a seguir, a entrevista com a autora:



© Natasha Meneguelli

Contraponto – O que te levou a fazer um estudo sobre as telenovelas?

Daniela Jakubaszko – Eu cursei Linguística e Português, na USP (Universidade de São Paulo). Fiz iniciação científica sobre gramática gerativa e me incomodou o fato de faltar um “sujeito” naquela pesquisa e, como me interessava por Bakhtin e havia apenas uma professora da ECA (Escola de Comunicações e Artes) que trabalhava com o teórico e o objeto de estudo dela era a telenovela, então comecei a estudar mais sobre ele e as telenovelas.

CP – Como as telenovelas podem contribuir para a visão de mundo dos telespectadores?

DJ – Quando os temas entram na telenovela, eles, de alguma maneira, dialogam com o que a sociedade naquele momento comprehende sobre ele. Em relação à dependência química ficou bem claro: os personagens eram muito estereotipados, bêbados, desqualificados, pessoas tidas como sem força de vontade, como coitados, ou então como os bobos da história. Na década de 1990 a 2000, a dependência química mudou de pasta: passou a ser vista como uma questão de saúde, e não como um problema de página de polícia, de traficante que precisa ser preso. Isso traz uma conversão do olhar que é bem importante, tanto para a vida cotidiana (as pessoas vão desconstruir seus estereótipos e entender que o alcoolismo é uma doença) assim como na vida social.

CP – E de que maneira esses temas retratados nas telenovelas se relacionam com a sociedade?

DJ – A telenovela tem uma questão pedagógica muito forte, o que a minha orientadora de doutorado chamava de “dimensão social”. Então, por estarmos em um grande centro urbano, somos acostumados com seriado em plataformas de streaming: se você

Para Daniela Jakubasko, as novelas têm o potencial de “combater discursos de estereótipos que são carregados de generalizações, emotividade e só podem ser mudados a partir de narrativas de ordem emocional”

A TELENOVELA PRECISA SE REINVENTAR DE FORMA QUE CONSIGA FOMENTAR A DEMOCRACIA, A QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS, ALGO QUE NOSSA SOCIEDADE ESTÁ PRECISANDO.

vai a outras partes do Brasil, o acesso à internet, o acesso às plataformas, não é o mesmo. Então, de fato, a ficção televisiva ainda tem uma penetração muito forte nos lares dos brasileiros. Assim, nos meus estudos, eu resolvi olhar de uma outra perspectiva: sobre como essas representações se constroem, mas não na sua intencionalidade.

CP – E como as representações se constroem nas telenovelas?

DJ – Eu resolvi trabalhar com a representação da masculinidade. É interessante porque na telenovela os homens se permitem a trabalhar suas emoções. Os homens muito machistas se tornam os vilões nas histórias: há uma consciência de que existe um machismo e de que esse machismo é nocivo tanto para mulheres quanto para homens. Por outro lado, também há uma inconsciência. Em *A Favorita*, por exemplo, Damião, que era um personagem proveniente de um relacionamento poliafetivo, começa a ser traído por sua mulher, Dedina. A partir de então, ela começa a ser retratada como uma mulher adúltera e perigosa e, no final, ela enlouquece, ela adoece, chega a morrer, perde tudo. E por quê? Porque ela traiu o marido, ela vai perder a profissão, a dignidade, o direito dos bens conquistados no relacionamento? De um homem que vinha de uma relação de poliamor? Ficou tão contraditório aquilo que eu acho estranho como é que aquela narrativa apareceu.

CP – O amor romântico está passando a ser exibido de que maneira agora?

DJ – É claro que a telenovela precisa do amor romântico, mas a gente vive em uma sociedade hoje que já não tem tanta ênfase, ou não busca tanto, ou se desiludiu com o amor romântico. De alguma maneira a sociedade está pressionando as narrativas para que elas se transformem. Talvez a gente possa pensar que as narrativas vão se transformar para comportar essa nova visão de mundo que está surgindo.

CP – Como o livro surgiu?

DJ – Eu peguei alguns elementos que eu acho que, com o tempo, se mostraram de fato plausíveis e interessantes para fazer uma leitura da telenovela, abrangendo a questão dos transplantes, os reflexos e reações do machismo e um novo

tema: a representação dos indígenas. Além disso, o conteúdo apresenta uma introdução sobre a história da telenovela e sobre a metodologia utilizada para fazer esse estudo.

CP – Qual é o histórico das telenovelas no Brasil?

DJ – A telenovela teve uma grande influência dos folhetins cubanos, surge de uma maneira muito melodramática. Ela chega aqui num contexto pré-1968, com toda a efervescência cultural dos grupos teatrais. Porém, em plena ditadura militar, em que isso começa a ser desmontado. Por isso, alguns desses profissionais provenientes do teatro acabam encontrando um refúgio na telenovela, um produto considerado menor, visto com certo preconceito e que não era tão vigiado quanto a música popular, o teatro e o cinema, por exemplo. E ali acontecem algumas brechas. Uma novela que é um grande marco é *Beto Rockfeller* (1968). Depois a Globo vai conseguir de alguma maneira preservar isso com o Dias Gomes. Ele é um dos grandes responsáveis pela configuração do gênero como se tem hoje: de introduzir questões políticas e críticas sociais, mas é claro que a emissora foi pasteurizando isso. Sem dúvida, o Dias Gomes enquanto sujeito tem uma trajetória única e não é mesmo possível reproduzir o que ele fazia. Não existe uma fórmula, a autoria é muito importante nos produtos de ficção.

CP – Quais são os principais pontos positivos que as telenovelas têm em relação ao senso comum e ao caráter pedagógico?

DJ – A telenovela tem uma proposta que eu considero positiva na ruptura de estereótipos e de preconceitos. A novela das seis da Globo *Órfãos da Terra* (2019) tem cenas muito interessantes que combatem o discurso de ódio e estamos em um momento que, de fato, alguns grupos sociais têm ódio, têm xenofobia e aí é legal que a ação responsável da novela vá nessa direção de combater discursos de estereótipos que são carregados de generalizações, emotividade e só podem ser mudados a partir de narrativas de ordem emocional.

CP – E qual é o aspecto pedagógico disso?

DJ – O aspecto pedagógico da telenovela é que, por meio do personagem, alguém de quem você gosta, que desenvolve uma empatia, o seu olhar pode ser de fato transformado e é um aspecto fortíssimo, muito importante e interessante das novelas no Brasil.

CP – E quais são os aspectos negativos das telenovelas?

DJ – Audiência e patrocinadores fazem da telenovela essa coisa meio pasteurizada, com discurso controlado e politicamente correto, que não tem um enfrentamento frontal ao preconceito. Mas, não é algo que chega a ser negativo, porque é essa a lógica para falar com o cidadão do senso comum de todas as faixas etárias e classes sociais. Um lado ruim é a negação do negro na telenovela, fenômeno apontado por autores como Solange Martins Couceiro de Lima, Joel Zito Araújo, Luciene Barbosa, por exemplo. E também a questão do indígena como, agora, eu estou constatando.

CP – De que forma eles são abordados?

DJ – É reflexo e é refração. Quando o assunto entra na narrativa vem carregado dos preconceitos que existem e circulam na nossa sociedade, mesmo que haja décadas de diálogo entre a academia, movimentos sociais e as telenovelas. As mudanças são pequenas porque se a novela assumir uma versão do discurso, ela vai rejeitar boa parte da audiência que carrega muitos preconceitos, ou seja, o diálogo deve acontecer de maneira bastante delicada para não espantar o espectador. A sociedade é essa luta de interesses e a telenovela precisa agradar a todos e nem sempre consegue.

CP – E as relações de gêneros?

DJ – A questão mais interessante nesse sentido tem sido justamente nesse campo das relações de gênero. Na novela *A Próxima Vítima* (Globo), de 1994, ocorreu o primeiro casal gay, que só se revelou no meio da novela porque os espectadores já gostavam daqueles personagens. Em 2014, veja, 20 anos depois, acontece o beijo – enquanto cinemas e séries já representavam relações homoafetivas de forma muito tranquila e com todo o carinho que qualquer relação tem.

CP – Houve consequências?

DJ – Conforme a Globo foi avançando nesse diálogo, parte da real audiência foi se retirando e migrou para a novela *Dez Mandamentos* (Rede Record), que foi um grande sucesso. Foi um momento de briga significativa pela audiência. Acredito que essa parcela da audiência estava rejeitando aquelas narrativas porque carrega preconceitos ou também porque não é o que deseja ver. Mulheres, mas, sobretudo, mulheres mais velhas migram da Globo porque esse tema é muito jovem, de um novo ciclo feminista, de orgulho LGBTQI+.

CP – Por quê?

DJ – Nas minhas pesquisas eu ouvi bastante que a Globo é muito explícita, mostra muita cena de cama, enquanto novelas turcas não, elas apenas sugerem. Conforme vai mudando o tempo e a geração, também vai mudando a estética do erotismo e do que dá prazer de assistir e de ser consumido como história e nós geralmente não entendemos o porquê gostamos tanto dessas histórias.

CP – E existe alguma explicação?

DJ – Começamos a ver um filme, se o filme é bom a hora que termina nós não somos mais as mesmas pessoas, nos transformamos e por isso, seria legal se a gente pudesse dialogar com quem constrói essas narrativas para que elas, de alguma maneira, nos levem em uma direção mais democrática.

CP – Sobre a questão do indígena. Mudou a abordagem em relação ao índio?

DJ – A novela *Velho Chico* (Globo), em 2016, avançou nos aspectos relativos à produção e direção porque não foi fake como a novela *Alma Gêmea* (Globo), em 2006, que era tudo estranho, aquelas marcas de tradição não eram verdadeiras. Você tem a índia branca (representada pela atriz Priscila Fantin), ou seja, é própria negação do

indígena. Em *Velho Chico* houve representação e representatividade, de fato utilizaram indígenas, elementos da cultura, objetos da cultura e tudo isso trouxe uma visão mais interessante e próxima do real de quem são os indígenas hoje na nossa sociedade. Mas, eles ainda são componentes dramáticos.

CP – O que são componentes dramáticos?

DJ – Os componentes dramáticos não chegam a ser personagens, eles não têm uma história, biografia, servem, em alguns momentos, como um elo para ajudar enganchar elementos da história e progredir a ação e isso é lamentável porque era uma história (*Velho Chico*) com uma questão da terra, e, de novo, os indígenas são excluídos, espoliados. E ao final, quando há uma tentativa de reconhecimento, ao que tudo indica, prevalece a visão do branco colonizador, mas ainda estou pesquisando esse assunto. Mas, se a emissora se gaba tanto em dizer que tem ações socialmente responsáveis, precisa se perguntar: Essa responsabilidade é com quem? Para qual parcela da população?

CP – Essa visão e exclusão do indígena é um problema da emissora ou da sociedade? Como evitar?

DJ – Quando começam a entrelaçar os preconceitos com as lutas de interesse no país, a questão indígena é algo que não está bem resolvido. É evidente que a nossa sociedade não sabe lidar com a diversidade. As pessoas acham que aqui só tem uma língua, o português. A rede Globo acha que o Brasil é do tamanho que ela enxerga o Brasil, eixo Rio – São Paulo, um pouquinho de Bahia e pronto, acabou. Portanto, ainda tem muito trabalho de pesquisa que pode ser feito para dar suporte aos roteiristas na construção desses mundos ficcionais.

CP – Quais são as suas projeções para o futuro das telenovelas?

DJ – É um gênero que precisa ser trabalhado, mesmo devagar e aos poucos, para dialogar melhor com audiência, com os novos públicos – sem perder a magia da narrativa que ajuda transformar – dar um passinho um pouco mais além do senso comum. Precisa se reinventar de forma que consiga fomentar a democracia, a quebra de estereótipos e preconceitos, algo que nossa sociedade está precisando.

AUDIÊNCIA E PATROCINADORES
FAZEM DA TELENOVELA
ESSA COISA MEIO PASTERIZADA,
COM DISCURSO CONTROLADO E
POLITICAMENTE CORRETO, QUE NÃO
TEM UM ENFRENTAMENTO FRONTAL
AO PRECONCEITO.

Por Daniel Gateno e Rafael Oliva

Bacurau é uma ave, seu nome científico vem do grego nuktus que significa corredor noturno. O pássaro Bacurau, geralmente sai para se alimentar à noite, tem grandes asas e sempre procura se camuflar pelas folhagens. Para capturar as suas presas, Bacurau se finge de morto e, sorrateiro, resiste pelas terras do Brasil.

A ave empresta seu nome e suas características para a obra de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O filme, que tem como um de seus múltiplos clímaxes a guerra dos moradores do povoado de Bacurau contra o prefeito corrupto e os capangas americanos que buscam uma experiência transcendental de carnificina, ressalta a história de resistência do lugar como uma de suas riquezas.

Carregado de analogias políticas, referências a faroestes clássicos e a renomados diretores, como Glauber Rocha e Quentin Tarantino, a obra gerou repercussões divergentes na crítica internacional.

Das mais diversas críticas a respeito do longa, *Bacurau* foi de "genial" a "problemático". Para a revista *The Hollywood Reporter*, "apesar de ser lindo visualmente e admirável em ambição, esse neo-faroeste nunca satisfaz como um todo". A visão de outra revista, *The Wrap*, foi de um filme que realiza uma boa mistura de violência gratuita e crítica social.

O maior consenso entre a crítica especializada é que o filme provoca um difícil exercício de compreensão. O longa-metragem evoca temáticas como modernidade tardia, conflitos regionais e segregacionismo, tudo em pouco mais de duas horas de duração. Os diretores optaram pela abordagem de chocar quem assiste, sem restrições em colocar violência explícita, diálogos ácidos e situações desconfortáveis na tela.

Independente das críticas, *Bacurau* é um marco para o audiovisual nacional. A obra foi premiada com a Palma de Ouro e com o Prêmio do Júri no festival de Cannes, além de receber mais seis indicações, como as de melhor diretor e melhor roteiro.

A última conquista brasileira em Cannes havia sido com o longa de Anselmo Duarte *O Pagador de Promessas* que foi galardoado com a Palma de Ouro em 1962. Glauber Rocha já ganhou o prêmio de melhor diretor por *O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro*. O próprio Kleber Mendonça Filho concorreu para melhor diretor com a obra *Aquarius* em 2016, uma produção com a marca registrada do diretor de oferecer uma visão crítica sobre a sociedade brasileira.

Bacurau retrata a história de uma pequena cidade no interior de Pernambuco que passa por diversos problemas e de repente desaparece do mapa.

"Aquele que fala sozinho na Ágora (termo grego que significa reunião geral de pessoas) é considerado louco". A frase de Urbano Nobre Nojosa, professor do curso de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

OS MÚLTIPLOS RETRATOS DE BACURAU

O longa dividiu a crítica e quebrou barreiras no audiovisual brasileiro



Equipe de *Bacurau* no Festival de Cannes 2019

(PUC-SP), ressalta a cena em que o prefeito da cidade desembarca em Bacurau no intuito de fazer campanha, sendo totalmente rechaçado pelos moradores do lugar que se camuflam em suas casas, assim como o pássaro.

O acadêmico conversou com o **Contraponto** e apontou diversos aspectos que o filme abordou para mostrar as diferentes facetas do Brasil. "O museu é uma parte importante do cenário, por esse motivo, todos os moradores perguntam aos turistas se eles já conhecem esse lugar que representa a história de Bacurau". Além disso, a morte dos invasores americanos dentro do museu não é uma coincidência, seu sangue é deixado nas paredes para que Bacurau recorde suas lutas.

Para o professor da PUC-SP, a ousadia narrativa e o estímulo ao debate são as grandes marcas e contribuições que o filme deixa para o audiovisual brasileiro.

Segundo Nojosa, obras brasileiras eram produzidas a partir de uma visão eurocêntrica ou norte-americana, nas quais a relação com a tragédia é simplificada entre o bem e o mal clássicos, e o resgate de um olhar latino de complexidade narrativa na realização de *Bacurau* fez com que a obra virasse destaque.

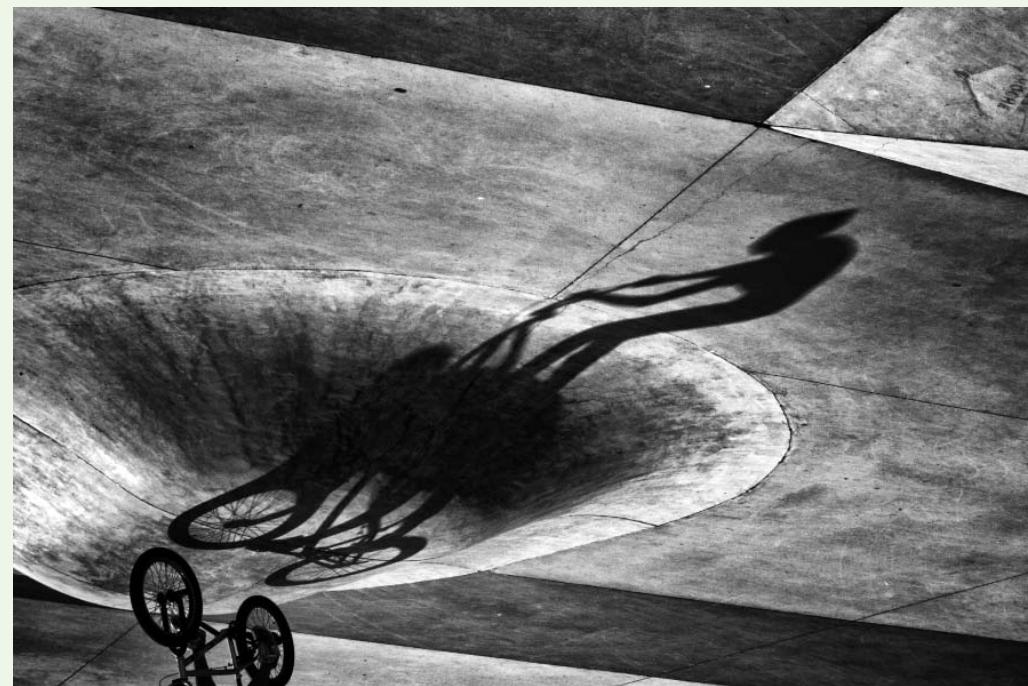
Em entrevista à revista *Veja*, Mendonça Filho afirmou que não procura fazer seus filmes com a intenção de passar uma mensagem, contudo, a interpretação de que ocorre uma analogia ao atual cenário político brasileiro é inevitável.

Nojosa observa que a obra de Mendonça Filho e Dornelles também usa referências antropológicas para discutir o que é o Brasil

atual e quem são esses brasileiros. No ensaio antropológico *O Povo Brasileiro – A formação e o sentido do Brasil*, Darcy Ribeiro dividiu o Brasil em cinco partes: o Brasil crioulo (do litoral de São Luiz ao Rio de Janeiro e com forte influência africana); caboclo (região norte e indígenas); sertanejo (Nordeste, sertão e caatinga); caipira (centro-oeste e sudeste); e o sulino (brancos vivendo em uma área rica e com forte interferência europeia).

É possível utilizar dessa classificação de Darcy Ribeiro e identificar um conflito entre sertanejos e sulinos na forma dos motoqueiros desconhecidos que chegam ao povoado de Bacurau. Com um sotaque oriundo do sudeste, eles colaboram com os americanos em sua tentativa de limpeza étnica e são destroçados moral e fisicamente quando se dizem parecidos com eles. Nojosa acredita que a obra quis questionar a classe média brasileira: "O filme retrata um discurso da classe média das grandes cidades brasileiras que se veem mais como europeias do que latinas e falham miseravelmente quando não conseguem se encaixar no padrão".

O recado final do filme é dado em alto e bom som pela música "Réquiem para Matraga", de Geraldo Vandré: "Se alguém tem que morrer que seja para melhorar". Uma população que não tinha quem os defendesse em um complô insano de turismo mercenário foi para o abate. E, assim como o pássaro Bacurau, fingiu-se de morto, camuflou-se e devorou a sua presa.



© Reprodução: Bruno Castro

O MUNDO TODO AO CONTRÁRIO

Um dia eu enfiei minha cabeça num buraco
E comecei a ver o mundo todo ao contrário

Eu ainda me lembro, era sábado,
Eu estava com o pé descalço, enlameado
Após te perseguir pelos pântanos de São Paulo

Eu te procurei nos lugares errados
Eu te encontrei no covil dos malvados
Mas acontece que eu também tenho alguns pecados
Sobraram do meu último aniversário

Promessas em falso, obsessivas como cada trago de um cigarro
E o gosto amargo que coloriu meus percalços
Hoje também colore os seus lábios como uma pintura em um quadro

E eu nem sei mais o que te trago
Além de promessas em falso
Além de um poema amassado

Miguel Jabur

O EVENTO DA RUA

CRÔNICA

Helena B Lorga



© Divulgação

Era uma noite de domingo, na hora do *Fantástico* e tudo parecia normal em um bairro da capital de São Paulo. As pessoas estavam em suas casas e o clima era agradável. De repente, aconteceu algo inesperado: o transformador de um dos postes pegou fogo e a luz acabou. A rua inteira ficou no maior breu.

Claro que os moradores saíram de suas residências para ver o que estava ocorrendo e ficaram ali parados, esperando o bombeiro chegar, até que começaram a conversar. Só que muitos não se conheciam e é aí que veio a novidade: passaram a descobrir quem eram os seus vizinhos. Como pode indivíduos que moram na mesma rua, às vezes por anos, não se conhecerem? Alguns nunca nem tinham se visto. São Paulo é grande mesmo!

Daí foi bate-papo daqui, risada dali, e novas amizades surgiram. Eu passei no meio do povo e escutava os mais diversos assuntos: "nossa, eu tenho uma Barbie igualzinha, só que é morena", "meu namorado adora o planetário, nós dois vamos lá um dia", "o meu chefe é um mocorongo mesmo, me exige coisas absurdas", "magina se de novo vou jogar o meu voto fora, nele eu não voto mais", "eu estava vendendo um filme de terror na TV, de repente a luz acabou. Ai credo, quase tive um troço! Estou com medo até de voltar pra casa".

Aquela noite parecia trazer de volta a essência das cidades interioranas, onde os vizinhos se conhecem e são amigos. Depois de um tempo, todos estavam tão concentrados em suas novas socializações, que até esqueceram que o transformador ainda pegava fogo. Parecia uma festa no bairro, só faltava comida e música. Mas não durou mais do que duas horas e os bombeiros chegaram. Foi uma alegria, muitos até bateram palmas.

Eles apagaram o incêndio, foram embora e como já estava ficando tarde, os moradores começaram a se dispersar, porém as conversas continuavam: "não é que eu não quero amizade, é que a minha tartaruga dá muito trabalho...", "se quiser ver meus brinquedos, eu moro naquele prédio ali, no 5º andar...", "magina se o seu time é melhor, rapaz! Até o meu cachorro é mais inteligente que você.", "me adiciona?", "passa na minha casa. Mostro a foto da minha netinha e tomamos um chá."

Foi uma noite bem legal, o evento da rua! Porém, segunda-feira de manhã sempre traz a rotina e muitos acordaram cedo para seus compromissos de sempre. Também parecia que esse acontecimento já tinha sido esquecido, mas na verdade não, as pessoas ainda se lembravam com certo carinho.

E como foram as notícias desse episódio inusitado? Para a imprensa, isso não teve tanta importância assim e houve apenas uma nota no site: moradores ficam sem energia por causa da queima de transformador.

DESABAFO DA CIDADE CINZA

Por João Tognonato

*Sexta-feira, início de noite –
São Paulo, Marginal Tietê*

Fazia um calor desgraçado dentro daquele Celta velho e a cidade não me transmitia muita coisa além de uma certa inércia. Prédios, carros, guetos, outdoors, esse rio sujo...tudo meio igual, meio indiferente. Parecia que a oficina do diabo estava em greve naquele fim de tarde asmático... O IPCA foi 9% ao ano; mais de 2/5 de brasileiros detém 3/8 de 9% da quarta parcela de todo tesouro líquido; 25.000.000 foram emprestados a juros de 3,7% para 20% dos integrantes da INBB... A voz macia do locutor ecoava da rádio discorrendo um latifúndio de ideias acerca das reformas disso e daquilo. Sujeito chato. Qual era mesmo o nome dele?...Aquele botão girando em falso não me deixava mudar de estação...Olhei pela janela... A cidade é realmente muito feia.

Ora! – pensei. Por que é então que não pintam logo toda ela de cinza? Com certeza ia ficar melhor. Podiam aproveitar também para cortar estas árvores ou pelo menos pintar os troncos e as folhas de cinza, e, quando chegasse a primavera, alguém da prefeitura mandava arrancar todas as flores. As concessionárias podiam vender apenas carros nos tons cinza – Cinza pedra, cinza fóssil, cinza névoa, cinza medieval, natural urbano, coelho branco, pepita de bismuto, inox...Pelos menos haveria padrão, alguma ordem, e não essa confusão toda que a gente vê por aí. Nossa, devo estar ficando louco, será que é a fuligem? Os faróis? Ou aquela pipoca Magitec que comprei do ambulante? Comprei logo duas e já estão me dando dor de barriga. Mas acho que não. Pensando bem, até faz sentido pintar tudo de cinza. Deviam também aproveitar para asfaltar todo o rio. Aí não teria esse trânsito todo. Como era mesmo o nome daquele locutor? Um bonitão...Olhos azuis...A permuta oficial realizada entre membro jurisprudentes de uma sociedade autárquica pretende burlar a prescrição de juízo nos termos da lei 2.460, artigo 34, versículo 10...Será que ele está falando disso?

Não, não, não é uma questão antiecológica, sabe, é uma questão estética. Ora verde, outra hora azul, depois amarelo, roxo, cinza, tudo coberto de cinza, envolto por cinza e pálido de cinza. Assim não dá. Ainda tem estas lojas. Uma usa fonte barroca, aquela minimalista, a outra romântica, futurista. Por Deus! Onde é que eu repouso minha mente? Chamem o exército com helicópteros de combate às queimadas, despejem duzentas latas de Suvinil ou qualquer outra porcaria de tinta nos tanques de água e mandem ver! A humanidade agradece. Canalhas, ladrões, corruptos, párias, vermes, medíocres, porcos! Escória! Escória! Escória! Esse cara não me deixa pensar direito! Já está me aporrinhando. Preciso lembrar o nome dele. Era Caio? Caíque? Henrique? Felipe! Ou algo assim... Melhor mesmo é desligar. Vai saber se é ele que anda metendo essas ideias na minha cabeçaa.

JORNALISMO EM TEMPOS DE CÓLERA

Por Julia Cachapuz e
Sarah Catherine Camara de Seles

Cólera é uma infecção do intestino delgado por algumas estirpes das bactérias *Vibrio cholerae*. Os sintomas podem variar entre nenhum, moderados ou graves. O sintoma clássico é a grande quantidade de diarreia aquosa com duração de alguns dias. Podem também ocorrer vômitos e cãibras musculares.

Defecando, vomitando, paralisando, respiramos de modo pesaroso sob um período de cólera. Tudo parece muito enfadonho, muito sofrido. Abrir os jornais têm se tornado um exercício diário para manter a sanidade mental e conter as náuseas. Olha-se o entorno, mas não se enxerga o chão. Adoentada pelas bactérias infeciosas, a sociedade já não sabe onde se apoiar para seguir seu caminho. Assim é identificado o nosso tempo pelos alunos da PUC-SP: portador de cólera.

De modo a criticar o complexo fluxo das relações responsáveis por organizar nosso dia a dia, a 41ª Semana de Jornalismo apresentou entre 7 e 11 de outubro, inúmeros debates em torno do caos estabelecido por uma política esdrúxula que vem mostrando suas faces corrosivas a cada passo que dá.

Sobre a temática da edição, Jamilly Santana, estudante de jornalismo e presidente do Centro Acadêmico Benevides Paixão da PUC-SP, afirma que a escolha foi feita para evidenciar “o quanto o jornalismo foi atacado, o quanto os jornalistas sofreram neste ano”. Intitulada como “Jornalismo em tempos de Cólera: A democracia sob ataque e formas de resistência”, o evento trouxe luz à situação que o país atravessa a partir de diversas mesas de debates.

Em cada um dos cinco dias um tema diferente foi definido para que o público pudesse ter uma maior compreensão sobre essa fase em que o país se encontra. A partir de pontos de vista variados em uma fluidez harmônica, as palestras conversaram com o público de modo intenso, sobre temas diversos – meio ambiente, jogos de futebol, memória e resistência, economia, arte, podcasts, cinema, jornalismo investigativo, de dados e moda – levantando um único ponto em comum: a importância do bom jornalismo como ferramenta de denúncia e centelha revolucionária em situações onde todos estão perdidos.

Marco no calendário dos estudantes, o evento tem como um dos traços mais marcantes a valorização do aluno enquanto futuro jornalista e indivíduo dotado de senso crítico. Sendo assim, é tradição na Semana prezar pelo protagonismo dos estudantes desde os menores até os maiores detalhes.

Em entrevista ao **Contraponto**, Jamilly Santana se aprofundou acerca da participação do estudante nos processos organizacionais do evento:

“Organizar a semana de jornalismo é uma experiência que todo estudante deveria ter, porque ela é de vida. Você aprende nessa organização coisas que vão além de ser só jornalista, como ser *social media* na hora de fazer as artes (para divulgação), ser administrador, checar o áudio até a água que vai estar na mesa. Além

A 41ª Semana de Jornalismo da PUC-SP trouxe problemáticas atuais do país e novas perspectivas profissionais à carreira jornalística



© Sarah Catherine Camara de Seles

Glenn Greenwald em entrevista coletiva após a mesa “Por dentro da operação #VazaJato”

dos contatos que você faz, acho que essa é uma experiência muito única.”

VAZA JATO: O resgate do jornalismo em tempos de cólera

Entre inúmeras abordagens acerca dos mais distintos temas, o que mais chama a atenção dos futuros jornalistas são os ataques à liberdade de expressão deferidos a todo o instante pela atual gestão federal do país.

As manchetes sob as quais o país acorda e dorme são assustadoras no que diz respeito às diversas manifestações do âmago humano. Ceifando tudo que é considerado diverso, a gestão bolsonarista tenta a todo custo silenciar a voz das multidões com inúmeras estratégias.

Dentre as muitas figuras hostilizadas pela quadrilha miliciana está o jornalista Glenn Greenwald, ganhador do prêmio Pulitzer, fundador do jornal contra hegemônico, *The Intercept* e responsável por desencadear o movimento “Vaza Jato” – a partir da divulgação de mensagens confidenciais entre o então juiz e atual ministro da justiça, Sérgio Moro, e o procurador e coordenador da Operação, Deltan Dallagnol.

Glenn Greenwald vem atuando como uma farpa nos pés do Estado brasileiro e uma faísca de esperança para os jornalistas que buscam profissionalismo e seriedade.

Demonstrando coragem, o jornalista norte americano, ao ser questionado sobre sua motivação para continuar seu trabalho, declarou, em coletiva de imprensa, após a mesa que participou e encheu o teatro Tuca: “Os perigos, os riscos e as ameaças foram muito difíceis durante a reportagem do Snowden. E eu sabia antes de

Da esquerda para a direita, Julia Dolce, Aldo Quiroga e Luiz Fernando Toledo, três dos seis convidados da mesa “Desafios do jornalismo investigativo no Brasil”



começar a trabalhar nesse caso (Vaza Jato) também que as ameaças seriam piores ainda, porque esse governo se comporta assim e eu não estava sendo protegido, como estava em 2013 (durante o caso Snowden) pelo governo brasileiro.”

Sobre as expectativas do evento Jamilly enfatizou a importância da mesa “Por dentro da operação Vaza Jato”. A atualidade do tema debatido permitiu que aqueles que assistiram a mesa possuíssem mais esclarecimento acerca do assunto. O público pôde fazer perguntas aos convidados, Sérgio Dávila, diretor de redação da Folha de São Paulo, Carla Jiménez, editora-chefe do El País Brasil e Glenn Greenwald, sob a mediação de Leonardo Sakamoto, professor da PUC-SP e diretor da Repórter Brasil.

De acordo com a estudante “nesses dois meses de organização da Semana, do Benê e de tudo isso, o dia mais emocionante da minha vida foi ver aquele TUCA lotado, porque eu sei que envolve muito trabalho de todos os estudantes que acreditam no Centro Acadêmico, que acreditam no curso de jornalismo e que se empenharam para fazer tudo isso acontecer”, afirmou Jamilly.

Ao término da Semana, a futura jornalista declarou que “isso é único, dá muita emoção e é gratificante ver tudo acontecendo”.

A Semana de Jornalismo traz não só muita motivação aos estudantes e vontade de continuar na profissão, mas também é repleta de aprendizados que ultrapassam os conhecimentos adquiridos na sala de aula convencional.

Por Marcelo Audinino

Os cinco mil habitantes da pequena cidade de Nailsworth, no oeste da Inglaterra, são testemunhas das mudanças decorrentes da conexão entre o futebol e meio-ambiente. O Forest Green Rovers, único time vegano do mundo, mostra como um clube de futebol pode ter um papel relevante na luta pela redução de danos ambientais.

O time foi fundado em 1889, mas, em grande parte dos seus 130 anos, atuou e conquistou títulos apenas em escala regional, sendo assim mais um entre as centenas de times ingleses.

Em 2010, enfrentando uma forte crise financeira, os Rovers constataram que seria necessária ajuda de capital investidor para assumir parte dos custos da equipe. Foi nesse momento que bateram na porta de Dale Vince.

Vince é um empresário verde e fez sua riqueza através da companhia que fundou, a Ecotricity, principal fornecedora de energias alternativas e renováveis da Inglaterra. Entre painéis solares e carros elétricos, o inglês aceitou a proposta de ajudar a pagar as contas da equipe, mas logo percebeu que seria necessário mais do que isso.

Com a realidade a sua frente, Vince condicionou o investimento total na equipe à transição para um consumo vegano dos envolvidos com o clube. Sem muitas opções para um time que sequer havia disputado uma divisão profissional, o Forest Green deu início a sua transformação.

O novo proprietário, que é vegano desde a adolescência, teve o desafio de familiarizar dietas livres de proteína animais e seus derivados para os atletas, funcionários e torcedores, pertencentes a um ambiente onde o veganismo ainda é um tabu.

O primeiro passo foi cortar a carne vermelha, que foi substituída por uma proteína à base de fungos, gerando revolta por parte dos torcedores. Depois, foi a vez da carne branca, seguido pelos peixes e alimentos provenientes das granjas, como queijo, ovos e leite.

Finalmente, no início de 2015, o clube passou a oferecer alimentação totalmente à base de plantas no dia a dia de funcionários e durante as partidas.

A transição completa ao veganismo fez com que o clube recebesse a certificação da The Vegan Society, que o reconheceu como primeiro e único time vegano do mundo, marcando um ponto de inflexão na história do Forest Green.

"Os torcedores diziam que eu acabaria com o clube", disse Dale Vince em entrevista para a WBUR, uma rádio pública e universitária de Boston.

No ano de 2017, dois anos após a adequação ao veganismo, o clube conseguiu o inédito acesso à 4º divisão inglesa. Em jogo disputado no estádio de Wembley, a equipe do Forest Green, sob comando do técnico Mark Cooper, derrotou por 3 a 1 o Tranmere Rovers e conquistou o direito de disputar, no ano seguinte, uma divisão da liga profissional.

Atualmente, o clube permanece na 4º divisão do campeonato inglês, mas é um dos candidatos na temporada 2019/20 para chegar à 3º divisão.

O LADO VERDE DO FUTEBOL

Jogadores de alto nível mundo a fora quebram tabu e aderem ao veganismo



Apresentação do uniforme para temporada 2019/2020

Apesar das mudanças nos hábitos alimentares terem sido impactantes para o ambiente retrógrado do futebol, o Rovers foram além. O clube queria o título de 'time mais verde' do mundo. A ideia era reduzir ao máximo a sua emissão de carbono e servir de vanguarda ao pautar o meio ambiente no cenário futebolístico.

Em busca deste título, o Forest Green investiu em infraestrutura e tecnologia e mudou completamente o clube. Os painéis solares instalados por todo o estádio geram 100% da energia necessária. O campo é considerado orgânico, por não usar pesticidas ou qualquer outro tipo de fertilizante químico na sua manutenção. O corte é dividido entre um robô, movido a energia solar, e funcionários que revisam o serviço. A água das chuvas que cai sobre o campo e estruturas é recolhida e reutilizada nas dependências do clube. O óleo usado na cozinha é recolhido e transformado em biocombustível.

Recentemente o clube instalou alguns pontos de recarga para carros elétricos ao redor do estádio e presenteou funcionários e jogadores com estes modelos automotivos. Em junho de 2018, a Organização das Nações Unidas (ONU) entregou o certificado de carbono-neutro para o Forest Green Rovers. Foi a primeira vez que um clube de futebol recebeu tal certificação.

Os Rovers agora têm mais um troféu em sua sala, e seguem com ideias ousadas, mostrando que no futebol também existe espaço para o meio ambiente.

As caras veganas no futebol mundial

O espanhol Héctor Belerrín, lateral do Arsenal, é um dos jogadores mais conhecidos a optar por uma dieta vegana. Conhecido por se posicionar sobre temas progressistas, o atleta declarou em vídeo para o canal Veganuary que a mudança

nos hábitos alimentares o possibilitou atingir seu potencial máximo em campo. Ele também cita que sua escolha não foi apenas uma questão de desempenho e saúde, mas sim de sustentabilidade e contra a crueldade com os animais.

A vice-artilheira da última Copa do Mundo pela seleção norte-americana, Alex Morgan, optou recentemente pelo veganismo. Por recomendação de algumas de suas companheiras do Orlando Pride, equipe pela qual atua na liga dos Estados Unidos, tornou-se vegetariana em agosto de 2017. Alguns meses depois, no começo de 2018, começou a se alimentar de maneira vegana.

Em entrevista ao *USA Today*, Morgan cita que cresceu achando não existir atletas de alto nível que seguissem dietas baseada em plantas. Hoje, ela afirma se sentir mais forte e ter uma recuperação mais rápida desde que mudou os seus hábitos alimentares.

O meio-campista colombiano Sebastián Pérez, atualmente no Barcelona de Guayaquil, é mais um atleta que passou a se alimentar com uma dieta à base de plantas durante a carreira.

O jogador afirmou recentemente à *ESPN* que a sua saída da equipe do Boca Juniors ocorreu pelo fato de ser vegano. Segundo o meio-campista, havia comentários dentro da equipe como "o camisa 5 do Boca Juniors tem que entrar forte e comer churrasco", por exemplo.

Ainda que exista uma tendência de atletas que estão transformando seus hábitos alimentares, seja por buscarem melhor rendimento ou por questões ligadas à sustentabilidade e meio ambiente, casos como o de Sebastián Pérez ainda evidenciam o ambiente futebolístico conservador.